

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EDUCAÇÃO E  
DOCÊNCIA**

Sânia Barcelos Reis

**O TRABALHO DOS CARREGADORES AUTÔNOMOS DA CEASAMINAS  
CONTAGEM: CARREGANDO O PESO DA PRÓPRIA HISTÓRIA**

**BELO HORIZONTE**

**2023**

Sânia Barcelos Reis

**O TRABALHO DOS CARREGADORES DA CEASAMINAS CONTAGEM:  
CARREGANDO O PESO DA PRÓPRIA HISTÓRIA**

**Versão Final**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Docência da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Trabalho e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Charles Moreira Cunha

**BELO HORIZONTE**

**2023**

R375t  
T

Reis, Sânia Barcelos, 1987-

O trabalho dos carregadores autônomos da Ceasaminas Contagem [manuscrito] : carregando o peso da própria história / Sânia Barcelos Reis. -- Belo Horizonte, 2023.

88 f. : enc, il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

[Acompanhado de cartilha criada como produto educacional, com o título: "O trabalho dos carregadores autônomos da Ceasaminas Contagem: carregando o peso da própria história. -- [7 p. il.]"].

Orientador: Charles Moreira Cunha.

Bibliografia: f. 85-88.

1. Centrais de Abastecimento de Minas Gerais -- Trabalhadores -- Narrativas pessoais -- Teses. 2. Educação -- Teses. 3. Manuseio de cargas -- Trabalhadores -- Narrativas pessoais -- Teses. 4. Trabalhadores -- Minas Gerais -- Teses. 5. Trabalho -- Aspectos sociológicos -- Teses. 6. Contagem (MG) -- Trabalhadores -- Teses.

I. Título. II. Cunha, Charles Moreira. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 331

**Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFMG (Setor de referência)**

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O

# ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA **SÂNIA BARCELOS REIS**

Realizou-se, no dia 27 de fevereiro de 2023, às 08:30 horas, virtual, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 395ª defesa de dissertação, intitulada *O TRABALHO DOS CARREGADORES AUTÔNOMOS DA CEASAMINAS*, CONTAGEM: CARREGANDO O PESO DA PRÓPRIA HISTÓRIA apresentada por SÂNIA

BARCELOS REIS, número de registro 2020664938, graduada no curso de DIREITO, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Charles Moreira Cunha - Orientador (Faculdade de Educação/UFMG), Prof(a). Geraldo Marcio Alves dos Santos (FaE/UFMG), Prof(a). Edgard Leite de Oliveira (Universidade Federal de Viçosa).

A Comissão considerou a dissertação:

- Aprovada
- Reprovada
- Aprovada com indicação de correções

A Banca sugeriu e o candidato acatou a mudança do título da dissertação para:

---

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2023.



Prof(a). Charles Moreira Cunha (Doutor)

Documento assinado digitalmente



GERALDO MARCIO ALVES DOS SANTOS

Data: 10/03/2023 10:57:06-0300

Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof(a). Geraldo Marcio Alves dos Santos (Doutor)



Prof(a). Edgard Leite de Oliveira (Doutor)

## **AGRADECIMENTOS**

A meus pais, Dalva Petrina Barcelos e Antônio João dos Reis, por serem amor e alicerce e por me ensinarem a ter consciência de classe. À minha irmã, Amanda Di Barcelos Reis, por ser a primeira pessoa a me dizer que eu era capaz de cursar o Mestrado na UFMG, ela nunca duvidou disso. Ao meu companheiro, Hugvaldo Daumas Nunes Júnior, pela força, empatia, doçura e companheirismo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Charles Moreira Cunha, pela partilha, paciência, palavras de incentivo e, sobretudo, por todo o aprendizado. Aos professores, funcionários e colegas da FAE, pelo caminho trilhado juntos.

Aos carregadores autônomos da CeasaMinas pela imensurável contribuição na realização desta pesquisa e pelo importante trabalho que desempenham, essencial para o abastecimento alimentar da população mineira.

À todas as pessoas que, de alguma maneira, contribuíram para o êxito deste trabalho.

À toda interceção espiritual e divida que me acalentou e fortaleceu durante esta caminhada.

*“E ecoa noite e dia  
É ensurdecador  
Ai, mas que agonia  
O canto do trabalhador...”*

(“O canto das três raças”, Paulo César Pinheiro, 1976)

## RESUMO

Esta dissertação teve como objeto de estudo o trabalho dos carregadores de mercadorias que atuam no Mercado Livre do Produtor do entreposto da CeasaMinas da cidade Contagem, Minas Gerais. São os chamados Carregadores Autônomos. Estes trabalhadores atuam no carregamento, descarregamento e acondicionamento de produtos hortifruganjeiros comercializados no local. Para o desenvolvimento da pesquisa, foi realizado trabalho investigativo com o objetivo de conhecer as memórias, saberes, rotina de atividades relatados pelos próprios carregadores autônomos em entrevistas narrativas realizadas de forma individual em seu local de trabalho. Além das entrevistas, foi feito também o levantamento bibliográfico, documental e legislativo a respeito do tema. O objetivo deste estudo, além de conhecer o trabalho dos carregadores autônomos, foi compreender como estes trabalhadores, embora estejam submetidos à uma lógica, por vezes, desumanizadora, se organizam, constroem saberes e imprimem sua humanidade na atividade que exercem.

**Palavras-chaves:** carregadores autônomos; carregadores de mercadoria; carregadores da CeasaMinas, entrevista narrativa.

## **ABSTRACT**

This dissertation had as object of study the work of goods loaders working in the Mercado Livre do Produtor - MLP of the warehouse of CeasaMinas in the city of Contagem, Minas Gerais. They are called standalone loaders. These workers work in the carrying, unloading and packaging of horticultural products sold on MLP. For the development of the research, an investigative work was carried out with the objective of knowing the memories, knowledge, work routine reported by the autonomous porters themselves in narrative interviews conducted individually in their workplace. In addition to the interviews, a bibliographic, documentary and legislative survey on the subject was also carried out. The aim of this study, besides knowing the work of the autonomous porters, was to understand how these workers, although they are submitted to a dehumanizing logic, organize themselves, build knowledge and imprint their humanity in the activity they perform.

**Keywords:** autonomous loaders; goods carriers; CeasaMinas chargers, narrative interview

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Mercado Livre do Produtor, entreposto de Contagem.....	19
<b>Figura 2</b> – Mercado Livre do Produtor, entreposto de Contagem.....	20
<b>Figura 3</b> – Carregador Autônomo em trabalho no MLP.....	23
<b>Figura 4</b> – Carregadores Autônomos em trabalho no MLP.....	24
<b>Figura 5</b> – Sede do Sindicar-MG.....	46
<b>Figura 6</b> – Casa dos Carrinhos .....	46
<b>Figura 7</b> – Carrinhos azuis estacionados no MLP.....	48
<b>Figura 8</b> – Carrinhos azuis estacionados no MLP.....	49
<b>Figura 9</b> – Carregador Autônomo uniformizado.....	50
<b>Figura 10</b> – Espaço na calçada para passagem de carrinhos.....	54
<b>Figura 11</b> – Carrinho passando no espaço da calçada.....	55
<b>Figura 12</b> – Placa de sentido proibido no MLP.....	55
<b>Figura 13</b> – Placa de sentido obrigatório no MLP.....	56
<b>Figura 14</b> – Carregadores acondicionando mercadorias nas áreas dos produtores rurais no MLP.....	58
<b>Figura 15</b> – Carregador transportando mercadorias de comprador.....	60
<b>Figura 16</b> – Carregador acondicionando mercadorias em veículo de comprador.....	61
<b>Figura 17</b> – Placa com valores sugeridos pelo Sindicar-MG afixada no MLP.....	63

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>APHCEMG</b>	Associação de Produtores Hortifrutigranjeiros das Ceasas do Estado de Minas Gerais
<b>ARBECE</b>	Associação Recreativa e Beneficente dos Trabalhadores da CeasaMinas
<b>CEAGESP</b>	Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo
<b>CEASAMINAS</b>	Central de Abastecimento S/A de Minas Gerais
<b>COEP</b>	Comitê de Ética em Pesquisa
<b>EMARTER/MG</b>	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais
<b>IMA</b>	Instituto Mineiro de Agropecuária
<b>INSS</b>	Instituto Nacional do Seguro Social
<b>MLP</b>	Mercado Livre do Produtor
<b>MPT</b>	Ministério Público do Trabalho
<b>OIT</b>	Organização Internacional do Trabalho
<b>PRODAL</b>	Programa de Distribuição de Alimentos
<b>PUC MINAS</b>	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
<b>SINDICAR-MG</b>	Sindicato dos Carregadores dos Mercados Livres de Produtores e de Hortifrutigranjeiros do Estado de Minas Gerais
<b>SINDICAR-SP</b>	Sindicato dos Carregadores Autônomos em Centrais de Abastecimento no Estado de São Paulo
<b>SINDSEP-MG</b>	Sindicato dos Trabalhadores Ativos, Aposentados e Pensionistas do Serviço Público Federal de Minas Gerais
<b>SINTRAMOV</b>	Sindicato dos Trabalhadores na Movimentação de Mercadorias em Geral
<b>TAC</b>	Termo de Ajustamento de Conduta
<b>UFMG</b>	Universidade Federal de Minas Gerais
<b>UNICAMP</b>	Universidade Estadual de Campinas

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	12
1.1 Objeto de estudo e objetivos da pesquisa.....	12
1.2 Estrutura da Dissertação .....	13
2. OS CARREGADORES AUTÔNOMOS NO CONTEXTO DA CEASAMINAS .....	14
2.1 Contextualização Histórica da CeasaMinas .....	14
2.2 Importância dos serviços prestados pela CeasaMinas para o abastecimento alimentar da população...16	
2.3 Os MLP's – Mercado Livre do Produtor.....	18
2.4 A CeasaMinas e os Carregadores de Mercadorias .....	21
2.5 Processo de Privatização da CeasaMinas.....	25
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE TRABALHO.....	27
3.1 Conceito do trabalho em Marx.....	27
3.2 Trabalho e Educação: apontamentos em Gramsci.....	28
3.3 Trabalho precário e trabalho descente.....	29
4. METODOLOGIA.....	31
4.1 A entrevista narrativa e sua aplicabilidade nesta entrevista.....	33
4.2 Processo de pesquisa.....	34
4.3 A responsabilidade social da pesquisadora.....	35
4.4 Dificuldades encontradas no processo de pesquisa.....	36
4.5 Metodologia e produto.....	37
5. DADOS PRELIMINARES: OBSERVAÇÃO DE CAMPO E ANÁLISE DOCUMENTAL.....	38
5.1 Revisão bibliográfica.....	38
5.2 Dados e legislação referentes aos carregadores autônomos da CeasaMinas.....	41
6. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO OBJETO DE ESTUDO.....	43
6.1 Considerações sobre as entrevistas e análise documental.....	43
6.2 O trabalho dos carregadores autônomos.....	44

6.2.1	O início da profissão de carregador autônomo na CeasaMinas .....	44
6.2.2	A rotina de trabalho dos carregadores autônomos .....	52
6.2.3	Trabalho noturno .....	56
6.2.4	Trabalho diurno .....	58
6.2.5	Remuneração .....	62
6.2.6	Infraestrutura do Mercado Livre do Produtor.....	64
6.3	Impactos do trabalho de carregador autônomo na saúde dos trabalhadores.....	64
6.4	Relação dos trabalhadores entre si, dos carregadores com a CeasaMinas e dos carregadores com o Sindicar.....	66
7.	<b>ANÁLISE DE ENTREVISTAS.....</b>	<b>68</b>
7.1	O sentimento em relação à profissão.....	68
7.2	A ausência de questões raciais nas falas dos entrevistados.....	69
7.3	Carregador... autônomo?.....	70
7.4	Entrevistas com Carregadores Autônomos.....	71
7.4.1	Gustavo.....	71
7.4.2	José.....	73
7.4.3	Joaquim.....	76
7.4.4	Alberto.....	78
7.4.5	Pedro.....	80
	<b>CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>82</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>85</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Objeto de estudo e objetivos da pesquisa

O presente estudo trata dos trabalhadores na movimentação de mercadorias da Central de Abastecimento S/A de Minas Gerais, a CeasaMinas, especificamente no Mercado Livre do Produtor na Unidade Contagem, os chamados carregadores autônomos. O intuito desta pesquisa foi compreender a trajetória da categoria e suas particularidades: como estes trabalhadores surgiram no entreposto da CeasaMinas de Contagem, como se dá sua organização coletiva, como o trabalho que fazem é desenvolvido, suas relações interpessoais dentro do local de trabalho, seus aspectos sociais e familiares e tudo mais o que a investigação apresentou.

Estes trabalhadores dedicam-se a fazer o carregamento e deslocamento de mercadorias hortifrutigranjeiras pelo mercado utilizando carrinhos de madeira. Eles descarregam caminhões, levam os produtos até os locais de venda e posteriormente fazem também o carregamento dos veículos dos consumidores que compram estas mercadorias.

Formada unicamente por homens, com corte extenso de faixa etária e predominantemente negra, esta categoria de trabalhadores reúne diversas particularidades, seja pelos horários em que laboram, seja pelo demasiado esforço físico, seja pela dinâmica de trabalho. Esse trabalho informal e de grande dispêndio de força física e saberes do e no trabalho garante a efetivação, em parte, do trabalho necessário à alimentação de grande parte da população da região Central do Estado de Minas Gerais.

Conforme informação do Sindicar-MG – Sindicato dos Carregadores dos Mercados Livres de Produtores e de Hortifrutigranjeiros do Estado de Minas Gerais, no entreposto de Contagem, há cerca de 800 carregadores autônomos. A atividade é regulamentada pela lei 12.023 de 2009, que trata das atividades de movimentação de mercadorias em geral e sobre o trabalho avulso.

Estão aptos a trabalhar na função os carregadores devidamente filiados ao sindicato, identificados através de uniforme e carrinhos azuis, sendo o último identificado por placa numérica. Há também um Regulamento de Mercado onde a CeasaMinas estabelece as normas a serem seguidas no entreposto e nele há também normas destinadas aos carregadores. Estes devem cumpri-las, a fim de evitar sanções que vão desde pagamento de multa à exclusão do quadro de carregadores autônomos cadastrados.

Sou trabalhadora da CeasaMinas, na função de técnica agrícola, desde 1º de julho de 2008. A atuação na empresa me trouxe o contato direto com esta categoria de trabalhadores e a

observação cotidiana daquela atividade, desde o início de meu trabalho no entreposto de Contagem, sempre gerou em mim indagações diversas, sobretudo no que tange a característica do trabalho em si, à primeira vista, o emprego de demasiada força física e conseqüente impacto e desgastes de seus corpos e também pelo perfil destes trabalhadores: homens, com idades variadas (desde muito jovens até mais velhos) e em sua esmagadora maioria negros.

Movida por estas indagações e por reconhecer a importância desses trabalhadores para o bom andamento das demandas relacionadas ao abastecimento alimentar da população, me propus a fazer este estudo, focando não somente no trabalho realizado, mas também nos sujeitos que o exercem, suas histórias, ensinamentos, particularidades. O objetivo foi compreender como é construída a identidade da categoria a partir das humanidades dos trabalhadores mesmo dentro de uma instituição que reproduz, certo modo, uma lógica desumanizadora identificando-os através de números. Busquei saber, sobretudo, como os mesmos desenvolvem seus trabalhos, como se organizaram, os impactos do trabalho de carregador autônomo na saúde, quais saberes foram sendo construídos em seus percursos, quais são os desafios atuais.

Para o desenvolvimento deste estudo, foram feitas entrevistas com os carregadores autônomos da unidade de Contagem, bem como análise de documentos e coletas de dados em campo, através de observação em local de trabalho da categoria.

## **1.2 Estrutura da dissertação**

Esta dissertação foi estruturada em sete capítulos. O primeiro, a introdução, traz o problema de pesquisa e as justificativas sobre seu estudo, os objetivos e esta apresentação de estruturação da dissertação.

No segundo capítulo tem-se a contextualização histórica da CeasaMinas, a participação dos carregadores autônomos na construção do atual modelo de mercado que se tem no entreposto de Contagem e o processo de privatização ao qual a CeasaMinas foi submetida pelo governo de Jair Bolsonaro.

O terceiro capítulo traz o embasamento teórico da pesquisa, como o conceito de trabalho, a relação trabalho-educação, apontamentos sobre trabalho precário e trabalho descente.

O quarto capítulo traz os procedimentos metodológicos adotados na realização desta pesquisa. Além de apresentar a entrevista narrativa como método utilizado, traz também as dificuldades do processo de pesquisa e o produto educativo produzido a partir do estudo realizado.

O quinto capítulo traz a observação de campo e análise documental referente ao tema, com revisão bibliográfica e levantamento de dados e legislação referentes aos carregadores autônomos da CeasaMinas.

O sexto capítulo descreve e analisa o objeto de estudo: o trabalho dos carregadores autônomos. São descritas a rotina de trabalho, a infraestrutura do Mercado Livre do Produtor, a forma de remuneração, o impacto da atividade na saúde dos trabalhadores e as relações por eles construídas no cotidiano do trabalho.

No sétimo e último capítulo, estão as entrevistas com sujeitos da pesquisa, os carregadores autônomos, numa leitura da pesquisadora sobre cada narrativa na tentativa de investigar como a memória do tempo de trabalho perpassa a vida desses trabalhadores. Antes dos relatos dos entrevistados, estão descritos apontamentos sobre os sentimentos dos carregadores frete à profissão que exercem, reflexão acerca da ausência do debate de raça nas narrativas e reflexão sobre a autonomia dos carregadores autônomos.

## **2 OS CARREGADORES AUTÔNOMOS NO CONTEXTO DA CEASAMINAS**

### **2. 1 Contextualização Histórica da CeasaMinas<sup>1</sup>**

Na década de cinquenta, afluíram-se relevante estrangulamento no sistema de comercialização de hortigranjeiros no Brasil: o produtor rural não tinha espaço para escoamento de sua produção, sentindo-se então desestimulado a produzir. As perdas decorrentes das condições inadequadas de armazenamento eram significativas e contribuía para elevação do preço final pago pelo consumidor.

O transporte destes produtos, que ainda hoje é feito por caminhões, causava engarrafamentos no trânsito à época, criando um problema urbanístico, cuja solução passava pela organização da comercialização em mercados controlados, com regras e procedimentos pré-definidos. Neste complexo contexto, as centrais de abastecimento brasileiras foram criadas com o objetivo de melhorar o sistema nacional de abastecimento através da institucionalização dos mercados regionais e do aumento da produtividade e da estrutura de distribuição. Em Minas Gerais, por meio da Lei 5.577 de 20 de outubro de 1970, foi constituída a CeasaMinas – Central de Abastecimento S/A, entrando efetivamente a empresa em operação em 28/02/1974. Após a

---

<sup>1</sup> As informações sobre o surgimento da CeasaMinas, os desdobramentos necessários para que a empresa fosse criada e informações sobre operacionalização foram obtidas através de conteúdo oral, fornecido pelos e pelas colegas de trabalho ao longo dos mais de 14 anos em que trabalho na empresa.

instalação da CeasaMinas, alguns resultados importantes foram observados, como a contribuição no combate à elevação dos preços dos gêneros alimentícios, a organização do mercado e a formação das cadeias produtivas, bem como prospecção de informações estatísticas de extrema importância para balizamento de ações governamentais de abastecimento e combate à fome.

A empresa possui seis unidades, sendo a principal delas localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, mais precisamente na cidade de Contagem e as outras localizadas nas cidades de Uberlândia, Juiz de Fora, Barbacena, Caratinga e Governador Valadares.

A maior parte do comércio atacadista de produtos alimentícios de Minas Gerais, considerado um dos principais do Brasil, está concentrado no entreposto da CeasaMinas Contagem. Nesta unidade, na ocasião de sua inauguração, iniciou-se o comércio atacadista de hortifrutigranjeiros e posteriormente, já na década de 80, esse comércio se expandiu também para cereais, alimentícios e não alimentícios industrializados. Ao longo dos anos, a oferta de produtos se diversificou cada vez mais e hoje a CeasaMinas Contagem é considerada a central de abastecimento mais diversificada da América Latina.

Quando o entreposto de Contagem entrou em operação, em 28 de fevereiro 1974, já haviam sido construídos os pavilhões D, E, F, G, H, I, J, L, M, N, O, P, Q, R, S, SG e MLP. Em dezembro do mesmo ano, quando ocorreu a inauguração oficial, foram entregues também os pavilhões A, B e C, sendo as operações de administração da empresa instaladas no pavilhão A.

No ano de 1978, entraram em operação as unidades de Caratinga e Uberlândia. Em 1979, foi inaugurada a unidade de Juiz de Fora.

Em 1982, na unidade de Contagem, entraram em operação os pavilhões 1, 2, 3, 4, 5, T, U e o pavilhão Ceasa Shopping. As operações administrativas foram transferidas – e permanecem até então - para o Centro Integrado de Apoio à Produção, que fica dentro de entreposto e onde fica também a unidade do Instituto Mineiro de Agropecuária. Neste mesmo período, foi inaugurado o Mercado Livre do Produtor, destinado exclusivamente à comercialização de itens hortifrutigranjeiros advindos dos produtores rurais mineiros

Em 1986, também na Unidade de Contagem, entraram em operação os pavilhões 6, 7, 8, 9, 10, 11, D1, E1, F1 e o prédio Minas Bolsa, com salas comerciais e espaços para instalação de agências bancárias.

Em 1990, entrou em operação o entreposto de Governador Valadares e no entreposto de Contagem foi inaugurado posto da Polícia Militar. Ainda em Contagem, no ano de 1991, o

Mercado Livre do Produtor foi expandido e em 1994 foi inaugurado o posto do Corpo de Bombeiros. Em 1996 foi inaugurada a fábrica da Vita Sopa, que produz sopas desidratadas a base de macarrão, legumes e soja e que são distribuídas para comunidades carentes. Em 1997 o Mercado Livre do Produtor foi mais uma vez expandido. Em 1999, foi a vez da unidade de Uberlândia receber também um Mercado Livre do Produtor.

Após negociações com o governo federal, a CeasaMinas, que pertencia ao governo do estado de Minas Gerais, foi federalizada em 2000, tendo a partir de então a União como sua sócia majoritária e administradora.

## **2.2 Importância dos serviços prestados pela CeasaMinas para o abastecimento alimentar da população**

Conforme mencionado, a CeasaMinas administra seis entrepostos atacadistas no Estado de Minas Gerais, nos municípios de Contagem, Uberlândia, Juiz de Fora, Governador Valadares, Caratinga e Barbacena. O entreposto de Contagem é o terceiro maior do País e o terceiro da América Latina em volume comercializado. São fornecedores da CeasaMinas cerca de 2.140 municípios brasileiros, 4.000 produtores rurais/mês atendendo, apenas considerado o entreposto sede, cerca de 50.000 clientes diretos e 13,2 milhões de clientes indiretos. O volume comercializado no complexo CeasaMinas em 2021 foi de 2.300.000 toneladas, com um valor transacionado estimado de R\$ 7,4 bilhões de reais. Estão instaladas no entreposto, via concessão de uso do espaço destinado para lojas, aproximadamente 773 empresas concessionárias atuando em segmentos de comércio de frutas, legumes e verduras, cereais, industrializados em geral e serviços complementares. Este perfil diversificado garante à empresa sustentabilidade econômica e uma considerável contribuição na política de segurança alimentar brasileira. (CEASAMINAS, 2021).

Sendo o Brasil um país de dimensão continental, a produção agrícola é heterogeneamente distribuída pelo território, o que dificulta o abastecimento alimentício igualitário à totalidade da população. Em um ambiente sem a intervenção do setor público, os cidadãos ficariam à mercê de altos custos e toda sorte de inconveniências para disporem dos alimentos essenciais em suas mesas, o que comprometeria sobremaneira a segurança alimentar, principalmente para os mais pobres. Assumindo o papel a ele inerente, o Estado brasileiro criou as Ceasas, com o intuito de promover o abastecimento alimentar com eficiência a todos os cidadãos.

Inserida nesse contexto, a CeasaMinas há 50 anos cumpre esta missão, viabilizando o abastecimento não somente em Minas Gerais, mas também nos estados do entorno. Desta forma, a Central de Abastecimento, por meio de seus empregados, produtores rurais, comerciantes e carregadores autônomos, não apenas disponibiliza um amplo espaço para a comercialização dos mais diversos produtos, unindo produtor, atacadista e comprador, como também presta serviços significativamente necessários à eficiência desse comércio, com o fim último de viabilizar da melhor forma possível o abastecimento alimentar da população. A disponibilização de espaço para comercialização, por si só, facilitaria a logística de distribuição, mas abandonaria os atores do mercado à própria sorte, podendo gerar abusos diversos como especulação e variação artificial de preços, dentre outras práticas danosas ao comércio e aos consumidores finais. Daí a importância de uma administração pública da Central de Abastecimento, que faz de seus entrepostos instrumentos de política pública de abastecimento, segurança alimentar e combate à fome.

Dentre o escopo de serviços prestados pela CeasaMinas através de seus trabalhadores no ambiente de comercialização, está a fiscalização de mercado, na qual o corpo técnico da empresa zela pelo cumprimento da regulamentação de comércio previamente estabelecida. São objetos de fiscalização a regularidade do comércio, a qualidade da mercadoria, a existência de certificação de produtos e o combate à intermediação de compra e venda de hortifrutigranjeiros, o chamado “atravessamento”. Outro ponto em destaque na prestação de serviços pela CeasaMinas é a disponibilização de informações de mercado, onde a quantidade de produtos disponíveis para venda é contabilizada e divulgada diariamente, contribuindo assim para a formação dos preços. A razão central desse serviço é evitar que agentes do mercado controlem preços, especulem volume ofertado ou promovam variações artificiais. Tais serviços visam também promover a informação ao público em geral, bem como fornecer ao gestor público informações que poderão balizar suas tomadas de decisão referentes às políticas públicas de abastecimento e fomento da produção agroalimentar.

Como promotora da difusão de conhecimento, a CeasaMinas possui também serviços de assistência técnica aos usuários, com Orientadores de Mercado dotados de conhecimento técnico em agropecuária, seção de Agroqualidade e parcerias com a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais – Emater/MG e Instituto Mineiro de Agropecuária – IMA com vistas a promover qualificação dos produtores e de seus produtos, e, por extensão, garantir alimento de qualidade na mesa da população, contribuindo assim, de forma bastante efetiva, para a garantia da segurança alimentar ao consumidor.

Também comprometido com sua função social, o entreposto dispõe de um banco de alimentos, o Prodal – Programa de Distribuição de Alimentos - que acolhe doações de produtos hortifrutigranjeiros e as redistribui para as organizações de interesse público, evitando assim desperdícios e contribuindo ainda para o processo de regulação de preços no mercado.

Neste sentido, fica claro que a CeasaMinas presta serviços de extrema relevância à sociedade, uma vez que o conceito de abastecimento agroalimentar envolve práticas e políticas públicas amplas que são realizadas pela empresa. E, para que todo este emaranhado de serviços seja prestado de forma eficiente e para que seja cumprido o papel da CeasaMinas no abastecimento alimentar da população, é fundamental o trabalho exercido pelos carregadores de mercadorias.

### **2.3 Os MLP's – Mercados Livres do Produtor**

Os Mercados Livres do Produtor – MLP's consistem em pavilhões onde são comercializados produtos hortifrutigranjeiros produzidos dentro do estado de Minas Gerais, sendo vedada a comercialização de produtos advindos de outras localidades (produtos de fora do estado são comercializados nos pavilhões onde estão localizadas as lojas). Os produtores rurais são previamente cadastrados junto à CeasaMinas e a partir de então têm acesso à marcação de área, que são espaços de 6 metros quadrados onde os produtos são expostos para comercialização. A quantidade de áreas marcadas varia de acordo com o volume de mercadorias produzidas.

Abaixo, imagens mostram o Mercado Livre do Produtor no entreposto de Contagem em dia de mercado:

Figura 1 - Mercado Livre do Produtor, entreposto de Contagem



Fonte: registro feito pela autora / 2022

Figura 2 – Mercado Livre do Produtor, entreposto de Contagem



Fonte: registro feito pela autora / 2022

Os MLP's ou Pedras<sup>2</sup>, como são popularmente chamados, foram criados no ano de 1974 com o intuito de garantir espaço de comercialização para a produção local de hortigranjeiros. Em relação a Minas Gerais, a operacionalização configurou-se num relevante fortalecimento de todo o setor produtivo do estado, visto que a comercialização sempre foi um dos principais dificultadores do segmento. Importante também lembrar que este equipamento vem se consolidando ao longo dos anos como vetor de propagação de políticas públicas, sobretudo aquelas ligadas às áreas sociais, abastecimento e produção, principalmente no que tange ao pequeno produtor mineiro (agricultura familiar).

#### **2.4 A CeasaMinas e os Carregadores de Mercadorias**

Para que o comércio dentro dos entrepostos de abastecimento ocorra, as mercadorias precisam circular. Embora haja alguma mecanização por meio de empilhadeiras motorizadas que carregam paletes, a maior parte da movimentação de mercadorias é feita através de tração humana, pelos chamados carregadores de mercadorias, ou simplesmente carregadores.

Esta força de trabalho unicamente masculina é responsável por garantir a circulação de produtos dentro das Ceasas, carregando e descarregando caminhões, deslocando a carga dentro do entreposto.

Nesta pesquisa, como já dito, foi investigado o trabalho dos carregadores da Unidade da CeasaMinas de Contagem, Minas Gerais. No entreposto, há duas modalidades de carregadores: àqueles vinculados às empresas lá estabelecidas e com elas têm vínculo empregatício e os carregadores autônomos, que trabalham no Mercado Livre do Produtor, não possuem vínculo empregatício e recebem por volume carregado. Este estudo focará seus trabalhos nestes últimos, os carregadores autônomos.

Os carregadores autônomos na Unidade da CeasaMinas de Contagem atuam no Mercado Livre do Produtor, conhecido popularmente como MLP ou “Pedra”. Estes homens trabalham prestando seus serviços de carregadores neste espaço apenas para produtores rurais e compradores. No caso de lojistas, apenas os carregadores com vínculo empregatício podem atuar, regra esta imposta pela administração da CeasaMinas para evitar relações de trabalho precárias entre empresários e trabalhadores.

A rotina destes profissionais se inicia bem cedo: a comercialização de produtos nos entrepostos começa às 4 horas da manhã e neste horário as mercadorias já tem de estar

---

<sup>2</sup> O Mercado Livre do Produtor do entreposto de Contagem é setorizado por letras de A à I e tem 20.000 metros quadrados de área total coberta, com 1450 módulos comerciais demarcados. (CEASAMINAS, 2021)

descarregadas nas áreas de vendas. Depois de descarregadas, as mercadorias ficam expostas à espera dos compradores. Uma vez adquiridas, é trabalho também dos carregadores levá-las aos veículos destes compradores, que levarão as mercadorias para seus estabelecimentos para que finalmente cheguem à mesa do consumidor final.

Os carrinhos utilizados pelos carregadores autônomos ficam guardados na Casa dos Carrinhos, galpão anexo à sede do Sindicar-MG. Há um trabalhador do sindicato responsável pela operação do local que acompanha o fluxo de entrada e saída dos carregadores com seus carrinhos.

Estes carrinhos são de cor azul marinho (o que diferencia os carregadores autônomos dos carregadores de lojas, que tem carrinhos de cor amarela) e são emplacados de forma semelhante ao emplacamento de automóveis. Cada carregador tem um número de cadastro e este número deve constar na placa do carrinho e em seu uniforme, também de cor azul marinho.

Descreveremos, em outro momento e de forma mais detalhada, o importante trabalho realizado por estes trabalhadores que tanto impacta no abastecimento alimentar de famílias mineiras. Neste momento, apresentamos imagens que ilustram o trabalho dos carregadores autônomos:

Figura 3 – Carregador Autônomo em trabalho no MLP



Fonte: registro feito pela autora / 2022

Figura 4 – Carregadores Autônomos em trabalho no MLP



Fonte: registro feito pela autora / 2022

## 2.5 Processo de Privatização da CeasaMinas<sup>3</sup>

Conforme mencionado, as Ceasas brasileiras foram criadas com objetivo de melhorar o sistema nacional de abastecimento através da institucionalização dos mercados regionais e do aumento da produtividade e da estrutura de distribuição de alimentos. Em Minas Gerais, a operacionalização configurou-se num relevante fortalecimento de todo o setor produtivo do estado, principalmente aquele voltado para o pequeno produtor mineiro (agricultura familiar) visto que a comercialização sempre foi um dos principais dificultadores do segmento.

O Programa Estratégico de Desenvolvimento, criado em 1970, juntamente com o I Plano de Desenvolvimento, criado entre 1972 e 1974, estabeleceram a construção de Centrais de Abastecimento como prioridade nas principais concentrações urbanas do Brasil. A partir desta decisão do Governo Federal, as Centrais de Abastecimentos (Ceasas) começaram a ser instaladas, dedicadas à comercialização de produtos hortigranjeiros, pescados e outros itens perecíveis, em todas as capitais do país e também nas principais cidades de cada Estado, constituindo o Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento (SINAC) (...). (LIMA, 2015)

Constituída pelo Governo do Estado de Minas Gerais através da Lei Estadual 5.577/1970, a CeasaMinas ficou sob propriedade e administração do Governo Estadual até o ano de 2000, quando parte da empresa foi repassada ao Governo Federal pelo então governador Itamar Franco, como forma de pagamento de dívida do Estado de Minas Gerais para a União. No mesmo ano, a empresa foi incluída no Programa Nacional de Desestatização (PND), através do Decreto nº 3.654/2000.

Embora estivesse incluída no rol de empresas do PND desde o ano 2000, o processo de privatização da Central de Abastecimento só foi iniciado no governo do presidente Jair Bolsonaro. É de se compreender o desinteresse de governos anteriores na desestatização da empresa, uma vez que a CeasaMinas é um importante instrumento de políticas públicas de abastecimento, segurança alimentar e combate à fome no Estado brasileiro, condição esta aparentemente ignorada pelo governo Bolsonaro.

A CeasaMinas é formada por seis centrais de abastecimento. Em cada uma delas, além dos pavilhões onde estão instaladas empresas do ramo alimentício (tanto hortifrutigranjeiro, quanto industrializado), há também os já mencionados Mercados Livres do Produtor, onde as

---

<sup>3</sup> Estou à frente, desde 2019 e por meio do Sindsep-MG, da representação dos trabalhadores e trabalhadoras da CeasaMinas frente ao processo de privatização da empresa. As informações trazidas neste capítulo foram adquiridas durante os 14 anos como trabalhadora da empresa, sendo os últimos 4 anos também de exercício da representação sindical.

produtoras e produtores mineiros têm a oportunidade de vender seus produtos pagando um valor acessível pelo espaço de venda, desde que a produção seja oriunda do estado de Minas Gerais.

Ao todo, segundo dados do Departamento Técnico da empresa aos quais tenho acesso, as unidades são responsáveis por abastecer 12,7 milhões de pessoas em 870 cidades, com a oferta anual de 2,4 milhões de toneladas de hortigranjeiros, cereais e produtos industrializados (alimentícios e não alimentícios). Além de fomentar o abastecimento da população mineira e entornos, a CeasaMinas gera 19.730 empregos diretos. Dos 21.000 produtores rurais cadastrados nos Mercados Livre do Produtor, 60% são provenientes da agricultura familiar e destes, 90% são de pequenos produtores.

A CeasaMinas desenvolve também, desde o ano de 2006, um importante trabalho de doação de alimentos através do Prodal – Programa de Distribuição de Alimentos. Criado no Governo de Luíz Inácio Lula da Silva durante a gestão do então Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome Patrus Ananias, o programa tem como objetivo destinar à população em vulnerabilidade social alimentos doados por produtores rurais e empresas instaladas na CeasaMinas que já não tem valor comercial, mas que ainda estão em condições de consumo e que, principalmente, não perderam seu valor nutricional.

Os produtos, em sua maioria hortifrutigranjeiros são selecionados e higienizados para posteriormente serem entregues às 180 instituições cadastradas no programa, beneficiando um total de 27.000 pessoas. (INSTITUTO CEASAMINAS, 2022)

No ano de 2022, o Prodal teve suas atividades suspensas em razão do processo de privatização instaurado.

A CeasaMinas não recebe repasses de verbas públicas: mantém-se apenas com as taxas pagas pelos lojistas e produtores rurais. Além disso, cerca de 25% dos lucros apurados a cada período são revertidos para o governo federal na forma de dividendos.

O leilão de concessão da CeasaMinas à iniciativa privada chegou a ser marcado para o dia 22 de dezembro do ano de 2022. O trabalho realizado em conjunto pelo Sindicato dos Trabalhadores Ativos, Aposentados e Pensionistas no Serviço Público Federal de Minas Gerais – Sindsep/MG, pela Associação Recreativa e Beneficente dos Empregados da CeasaMinas - Arbece, de parlamentares mineiros e trabalhadores da CeasaMinas resultou na suspensão do ditame, que passou a ter data prevista para o primeiro trimestre de 2023.

A Central de Abastecimento S/A de Minas Gerais desenvolve importante e essencial papel na soberania alimentar e no combate e superação da fome. Sua entrega à iniciativa privada poderá representar o fim do incentivo ao pequeno produtor rural, o fim das políticas públicas

de abastecimento e o acirramento da insegurança alimentar que já vem sendo experimentada no país.

A expectativa é de que, em 2023, com a mudança na política de combate à fome e segurança alimentar esperada junto ao novo Governo, haja o cancelamento total do leilão de privatização da empresa.

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CONSIDERAÇÕES SOBRE TRABALHO**

Para o desenvolvimento desta pesquisa, fez-se necessário, sobretudo, trazer à reflexão o que é o que chamamos de trabalho, a relação do trabalho com a educação, a dimensão intelectual do trabalho, o papel do trabalho na organização social e como podemos compreender as sociedades a partir desta organização, tendo o trabalho como protoforma social.

#### **3.1 Conceito de Trabalho em Marx**

Demerval Saviani, ao nos dizer dos fundamentos ontológicos e históricos do trabalho, observa que apenas o homem é capaz de trabalhar e educar, uma vez que apenas a espécie humana é dotada de racionalidade (SAVIANI, 2007, p. 153). Nessa perspectiva, Karl Marx e Frederic Engels:

Podemos distinguir o homem dos animais pela consciência, pela religião ou por qualquer coisa que se queira. Porém, o homem se diferencia propriamente dos animais a partir do momento em que começa a produzir seus meios de vida, passo este que se encontra condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material. (MARX; ENGELS, 1974, p. 19)

Marx pontua o trabalho, antes de tudo, como um processo entre o homem e a natureza, onde o homem interfere na natureza de forma a alinhá-la a seu metabolismo, modificando-a de acordo com suas necessidades e apropriando-se da matéria natural a fim de torna-la útil para sua própria vida. E, modificando a natureza externa, a natureza a seu redor, o homem modifica sua própria natureza, uma vez que imprime suas habilidades intelectuais e físicas aos recursos disponibilizados pela natureza para fazê-los úteis para a vivência humana. Esse processo faz do homem não apenas ser natural, mas ser natural humano, uma vez propicia ao homem exteriorizar sua imaginação, criatividade, desejos, estimulando assim suas dimensões intelectual, física, moral, psicológica, social, política, econômica, etc. (MARX, 1985, p. 149).

A partir da ótica capitalista, Marx conceitua trabalho produtivo e trabalho improdutivo. Sobre trabalho produtivo, diz:

Trabalho produtivo no sentido da produção capitalista é o trabalho assalariado que, na troca pela variável do capital (a parte do capital despendida em salário), além de reproduzir essa parte do capital (ou o valor da própria força de trabalho), ainda produz mais-valor para o capitalista. Só por esse meio, mercadoria ou dinheiro se converte em capital, se produz o capital. Só é produtivo o trabalho assalariado que produz capital. Isso equivale a dizer que o trabalho assalariado reproduz, aumentada, a soma de valor nele empregada, o que restitui mais trabalho ao que recebe na forma de salário. Por conseguinte, só é produtiva a força de trabalho que produz valor maior que o próprio (MARX, 1980, p.132).

Nessa perspectiva, o trabalho que não usa de recursos intelectuais e da natureza para gerar mais-valor, que não gera lucro, é considerado o trabalho improdutivo. Para Marx, a distinção entre o trabalho produtivo e o improdutivo não se estabelece no fato de serem necessários ao capital, uma vez que ambos o são, mas sim nas distintas funções sociais que exercem: o primeiro produz mais-valor, o segundo não produz (MARX, 1895, p.153).

No momento em que o homem passa, no molde capitalista, a vender sua força de trabalho, o trabalho torna-se meio de produção, tomando por vezes uma dimensão negativa, uma vez que o homem passa a submeter-se a condições adversas, sem opção de escolha, para garantir sua subsistência e também para se afirmar como sujeito no contexto social.

“[...] na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX, 2008, p. 47).

É nesta dimensão que entendemos o trabalho como protoforma social: a partir da observação de como uma sociedade, um grupo, uma categoria se organizam em torno do trabalho, podemos identificar como se organiza socialmente. Esta pesquisa procurou, a partir da observação e investigação do trabalho dos carregadores autônomos, identificar e descrever sua organização da categoria, como o trabalho age em suas vidas, seus corpos, seu contexto social.

### **3.2 Trabalho e Educação: apontamentos de Gramsci**

Para Antônio Gramsci, há um princípio educativo do trabalho, onde não há separação do *homo faber* e do *homo sapiens*. Sônia Rummert traz considerações fundamentais da teoria de Gramsci, sobretudo no tocante a temática educacional e para isso se utiliza da expressão “relações pedagógicas” como referência. Relações pedagógicas, ela observa, são

compreendidas como práticas educacionais inerentes à totalidade da vida social onde o homem apreende os valores, costumes, elementos da cultura e demais componentes da concepção de mundo dominante em determinada sociedade e podem construir condições essenciais a essa transformação (RUMMERT, 2007, p. 12).

Rummert sinaliza que Gramsci propõe um marxismo humanista, sublinhando a importância de que a revolução política e social seja construída com fortes bases culturais; que compreende o homem como um “bloco histórico”, constituído de elementos singulares e subjetivos e também de elementos sociais e materiais; que tem a ideologia como um dos mais importantes elementos organizativos de uma sociedade (RUMMERT, 2007, p. 15-22).

Uma vez que Gramsci tem a escola como provedora da formação de uma nova cultura, potencializadora das mudanças estruturais e que, segundo ele, isso apenas se efetivará quando os trabalhadores assumirem como sua a tarefa de construir a escola de que precisam, o projeto de pesquisa a qual me debruço constrói seu alicerce também em suas afirmações.

É indiscutível que o mundo do trabalho compõe a totalidade social do homem a qual o pensador se refere. Logo, a educação pelo trabalho se faz protagonista nas modificações das estruturas neoliberais de nossa sociedade. O objetivo desta pesquisa foi compreender o trabalho e modo de organização dos carregadores autônomos da Unidade da CeasaMinas em Contagem justamente porque esta construção é fundamental para as lutas e enfrentamentos que estão postas atualmente para a classe trabalhadora e para as organizações sindicais.

### **3.3 Trabalho precário e trabalho descente**

A OIT – Organização Internacional do Trabalho, no ano de 1999, formalizou o conceito de trabalho descente, sendo considerado como tal o trabalho “(...) *produtivo e de qualidade, em condições de liberdade, equidade, segurança e dignidade humanas, sendo considerado condição fundamental para a superação da pobreza, a redução das desigualdades sociais, a garantia da governabilidade democrática e o desenvolvimento sustentável*”. Este conceito se apoia em quatro pilares: direitos fundamentais do trabalho (liberdade sindical, direito a negociação coletiva, erradicação de todas as formas de discriminação, de trabalho forçado e trabalho infantil); promoção do emprego produtivo e de qualidade; ampliação da proteção social e fortalecimento do diálogo social. (OIT, 1999).

A partir deste conceito, compreende-se o trabalho precário como aquele em que estes pilares não dão alicerce e condições dignas de trabalho ao trabalhador e à trabalhadora, por

meio da flexibilização das relações, sempre em busca de suprir as necessidades do empregador e do capital. Segundo Danielle Cireno Fernandes, a precarização do trabalho:

Refere-se ao surgimento de novas formas de trabalho a partir de um processo de mudanças estruturais no capitalismo, que procura garantir competitividade às empresas por meio da flexibilização das relações de trabalho. Nesse processo, novas bases institucionais para o desenvolvimento do capitalismo apareceram. O sistema econômico, antes centrado no capital industrial, passou a se basear em modelos flexíveis de produção, com destaque ao capital financeiro. (FERNANDES, 2010, p. 1)

Compreende-se então que no trabalho precário, o indivíduo vive de incerteza, imprevisibilidade e os riscos são assumidos pelo trabalhador, não pelo empregador ou pelo estado. Conforme observa Teresa Sá, a precariedade laboral está presente principalmente nas classes populares, tendo acompanhado estes trabalhadores ao longo do tempo, tornando-se um traço característico de suas condições de existência (SÁ, 2010). Acrescenta-se a observação de Ricardo Antunes de que o desemprego estrutural é consequência do capitalismo contemporâneo, atingindo de forma heterogênea a classe trabalhadora:

Pode-se dizer, de maneira sintética, que há uma processualidade contraditória que, de um lado reduz o operariado industrial e fabril; de outro aumenta o subproletariado, o trabalho precário e o assalariamento no setor de serviços. Incorpora o trabalho feminino e exclui os mais jovens e os mais velhos. Há, portanto, um processo de maior heterogeneização, fragmentarização e complexificação da classe trabalhadora. (ANTUNES, 1999)

Márcio Pochmann observa que no Brasil, a precarização do trabalho vem se agravando desde a crise da dívida externa nos anos 80, ganhando maior expressão nos anos 90, com a difusão da economia neoliberal. Neste contexto a reestruturação do mercado de trabalho através das tecnologias, das flexibilizações e aumento das exigências no nível de qualificação resultaram no aumento de produtividade mas, em contrapartida, resultou em alta nas taxas de desemprego e diminuição do emprego formal/assalariado. (POCHMANN, 1999, p. 52)

Embora, como pontua Arne L. Kalleberg (2009, p. 26), a precarização do trabalho esteja presente tanto na economia informal como na economia formal (no caso da economia formal, é caracterizado pela precarização dos contratos, onde os trabalhadores são terceirizados, admitidos por tempo determinado, sem estabilidade e segurança de emprego), é na informalidade que o trabalho precário se apresenta de forma ainda mais latente. (KALLEBERG, 2009, p. 26). E é também neste contexto que estão inseridos os carregadores autônomos da CeasaMinas: a precariedade de seu trabalho nos salta aos olhos, seja pelo caráter ergonômico,

seja pelas jornadas exaustivas em horários não convencionais, seja pelos direitos trabalhistas não garantidos, seja pela falta de reconhecimento da sociedade de sua importância na cadeia de abastecimento de alimentos.

Estudar o trabalho que exercem os carregadores autônomos da CeasaMinas nos remete à definição de trabalho descende da OIT e nos instiga a aprofundar a análise da precariedade desta atividade, bem como pensar em alternativas de melhoria da condição destes trabalhadores.

#### **4 METODOLOGIA**

Para a construção de uma pesquisa, diversas são as possibilidades de métodos a serem utilizados e cabe ao pesquisador identificar aquele que melhor se encaixa a seu trabalho. Luciano Bedin da Costa cita Boaventura dos Santos, que diz que “cada método é uma linguagem, e a realidade responde na língua em que foi perguntada” (COSTA *apud* SANTOS, 2014, pág. 5). A realidade da pesquisa ou de suas fases de desenvolvimento dará o tom da metodologia mais adequada para realizá-la.

Dentre os métodos de investigação, há os quantitativos e qualitativos. Pesquisa quantitativa, segundo Antônio V. Bento, é conhecida como a filosofia positivista de como geramos o conhecimento, onde o positivista acredita que fatos da realidade objetiva são passíveis de ser expressos numericamente. (BENTO, 2012, pag.1). Já a pesquisa qualitativa, segundo o mestre, “*foca um modelo fenomenológico no qual a realidade é enraizada nas percepções dos sujeitos; o objectivo é compreender e encontrar significados através de narrativas verbais e de observações em vez de através de números.*” (BENTO, 2012, pág. 1). A pesquisa qualitativa emerge de forma natural, respeitando as condições e subjetividades dos interlocutores nela envolvidos e sem controle ou manipulação de seus comportamentos e atos, enquanto a pesquisa quantitativa submete os fatos a formas e números.

Dentre os diversos métodos de pesquisa, temos o cartográfico, que procura acompanhar o processo, ao invés de buscar um resultado ou conclusão, apostando na experimentação do pensamento. Temos o etnográfico, que consiste no estudo da cultura e do comportamento de determinados grupos sociais. Na pesquisa-ação, o pesquisador tem a possibilidade de intervir dentro da problemática social a fim de analisá-la e construir novos saberes. Na análise do discurso, o pesquisador desenvolve seu estudo através da análise da construção linguística do contexto social estudado. Dentre outros.

A subjetividade, sobretudo em um projeto de pesquisa no campo das Ciências Humanas, faz-se presente a começar pelo próprio pesquisador ou pesquisadora. É obsoleto tentar dissociar aspectos idiossincráticos de quem está pesquisando de sua própria pesquisa, de suas interpretações e impressões, até mesmo no que tange aos conteúdos quantitativos. Sendo assim, faz-se entender que qualquer pesquisa, antes de tudo, é qualitativa, uma vez que está submetida às subjetividades de quem a conduz.

Considerando estes aspectos, na observação que Antônio Bento faz de J. Bell, podemos considerar que as pesquisas qualitativa e quantitativa são complementares, não estando sobrepostas uma à outra:

Segundo Bell (2004, pp. 19-20), os “investigadores quantitativos recolhem os factos e estudam a relação entre eles” enquanto que os investigadores qualitativos “estão mais interessados em compreender as percepções individuais do mundo. Procuram compreensão, em vez de análise estatística. (...). Contudo, há momentos em que os investigadores qualitativos recorrem a técnicas quantitativas, e vice-versa. ( *apud* BENTO, 2012, pág. 02)

Para esta pesquisa, que trata da organização coletiva/sindical dos movimentadores de mercadorias da Ceasa Minas, ou como são popularmente chamados, carregadores, fez-se necessária a interlocução com a entidade sindical que os representa e seus dirigentes, com 1234retrabalhadores da Ceasa Minas e, sobretudo, com os próprios carregadores.

A trajetória dessa categoria de trabalhadores passa pela trajetória pessoal de cada carregador, pela percepção e interpretação que estes têm dos fatos ao longo de sua história como atuantes no mercado hortifrutigranjeiro dentro da Ceasa Minas e da conjuntura política e social que experimentaram durante todo este período. Naturalmente, a construção desta pesquisa passou pelo diálogo com os estes sujeitos, sejam carregadores da base, sejam aqueles carregadores envolvidos nos processos de organização coletiva e sindical, a fim de conhecer a narrativa e a linguagem que construíram ao longo dos anos exercendo tal função. E, como observa Maria Aparecida Bicudo, a produção metodológica sofre interferências diretas da linguagem:

A investigação visa à manifestação do percebido, que é exposta pela linguagem, passível de ser compreendida pelo co-sujeito parceiro de uma comunidade, constituindo-se, então, uma zona de intersubjetividade. A partir da repetição do sucesso de comunicações efetuadas entre os sujeitos, plenas de sentido e mediante o uso da linguagem mundana, portanto histórica, constituem-se zonas de objetividade. Agora se tratando de uma objetividade que teve sua origem na subjetividade, mas que a transcendeu na medida que as percepções primeiras foram expressas. (BICUDO, 2005, pág. 23, 24)

Sendo assim, é possível afirmar que, nesta pesquisa, o método qualitativo regeu a maior parte do processo investigativo, pois esteve na subjetividade de quem pesquisa, uma vez que sou trabalhadora da Ceasa Minas, militante sindical e tenho minhas próprias percepções e vivências a respeito do objeto de estudo; esteve nas subjetividades dos entrevistados, suas visões pessoais e na maneira como a linguagem a respeito do tema foi construída por cada um e cada uma.

#### **4.1 A entrevista narrativa e sua aplicabilidade nesta pesquisa**

Esta pesquisa teve como foco - além de estudar os aspectos objetivos que envolvem o objeto de estudo como questões referentes a legislação, saúde do trabalho, organização sindical, etc - descrever aspectos subjetivos do trabalho dos carregadores de mercadoria da Ceasa Minas: como ingressaram na profissão, como desenvolvem seu trabalho, as relações que estabelecem entre si, o perfil social, familiar, perspectivas que têm pro futuro e tudo mais o que a investigação revelasse. Para obter informações como estas, é necessário ouvir estes trabalhadores para que seja possível compreender e discorrer sobre suas histórias.

Dentre as possibilidades metodológicas no campo da pesquisa qualitativa estão as entrevistas. A modalidade de entrevista que se mostra mais adequada para o desenvolvimento desta pesquisa é a entrevista narrativa pois, conforme nos ensina Inês Teixeira:

(...) a entrevista narrativa, por suas características e singularidade comparativamente a outras modalidades de entrevista, como as semi-estruturadas, pode ser um importante recurso metodológico na análise destas dinâmicas interculturais e movimentos de subjetivação. Neste sentido, supondo uma menor intervenção do pesquisador, seu segredo está na elaboração de uma boa questão gerativa capaz de provocar uma narração do sujeito, cujos aspectos relevantes podem representar para os/as narradores/as algo muito além do que representará para a pesquisa e o conhecimento da vida social. (TEIXEIRA, 2006, p. 3)

Na entrevista narrativa não há uma estrutura prévia de perguntas objetivas para respostas objetivas. É de se esperar que haja expectativa e planejamento prévios do que se deseja conhecer através da entrevista, mas nesta modalidade, o entrevistado discorre de forma livre sobre os fatos, entregando maior subjetividade e informações sobre os processos que lhe acompanharam ao longo do tempo.

Inês Teixeira observa também que este modelo de entrevista se apresenta como uma importante ferramenta para conhecer as dinâmicas cotidianas das relações sociais e políticas dos espaços, algo que foi essencial para esta investigação.

E foi essencial também para esta investigação conhecer os aspectos pessoais dos carregadores autônomos. Foi essencial compreender quem são essas pessoas, as relações que estabelecem entre si, a linguagem que utilizam no cotidiano do trabalho, a percepção que têm da função que exercem, seus sonhos, suas histórias e tantas coisas outras que compõem esses indivíduos. Mais uma vez, a entrevista narrativa se mostrou capaz de suprir esta necessidade. E assim observa Inês Teixeira, citando Matos:

Tecida de imagens, de feitos e de fatos reverberados nas palavras, a narrativa é mais ligada ao sensível, um gênero discursivo que valoriza a imaginação, o múltiplo e o misturado, sendo por isto privilegiado para relatar situações complexas, como as transformações que acompanham as mudanças nas subjetividades dos sujeitos. Com seu poder de despertar o vivido e a sua intensidade imaginativa, a narrativa reabre o tempo histórico anunciando possibilidades perdidas, criando espaços de liberdade para gerar interpretações novas e para transformar o narrado em experiências subjetivas. Na medida em que evocam o passado para torná-lo transmissível, retendo o que foi mais significativo para compreender o presente, sempre de uma perspectiva interior e subjetiva, as narrativas deixam em aberto o sentido, em um processo nunca definitivo (MATOS, 2001).

Isso posto, conclui-se que o método de entrevista narrativa trouxe elementos importantes e necessários para a construção da pesquisa e foi aplicado nas entrevistas feitas com os carregadores autônomos do Mercado Livre do Produtor da CeasaMinas Contagem, que são o objeto deste estudo.

## **4.2 Processo de Pesquisa**

Para a elaboração do estudo proposto, inicialmente foi feita análise de campo, através de observações desses trabalhadores em seu local de trabalho. Embora a CeasaMinas seja um local bastante familiar para mim, acredito ter sido necessário o exercício de estranhamento do familiar, com olhar de pesquisadora que pretende compreender a dinâmica de como este trabalho ocorre, objetiva e subjetivamente, e assim, conseguir capturar dimensões das tramas do trabalho, de seus códigos, ritmos, linguagens verbal e não verbal, etc.

Após a observação de campo, foram entrevistados 5 carregadores autônomos, de idades diversas. Esta diversificação se fez necessária em razão da extensão da faixa etária destes trabalhadores. Buscou-se entender o que pensam as diferentes gerações sobre o trabalho que realizam, quais as diferenças entre eles, a relação construída entre os noviços e veteranos, em quais ideais se pautam as relações sociais, os códigos, etc.

O método da entrevista narrativa deu o norte para estas conversas, tendo como pontapé inicial a forma como estes trabalhadores desenvolvem seu trabalho. Foram considerados também aspectos relacionados à escolaridade, estado civil, idade em que começou a atuar na profissão, dificuldades e benesses, relação com os demais colegas carregadores, com a administração da CeasaMinas, com os produtores rurais e compradores, com o sindicato que faz a representação destes trabalhadores, perspectiva e sugestões para melhoria do trabalho, segurança e ergonomia, etc.

### **4.3 A responsabilidade social da pesquisadora**

“Pesquisamos para ganhar pontos nos relatórios internos e externos, para publicar e vender livros, para adquirir/consolidar prestígio, ou nossa pesquisa é parte do nosso compromisso político com a luta pela transformação da sociedade?” (MOREIRA, 2001, p. 21)

As palavras de Regina Leite Garcia nos trazem à reflexão o papel que a pesquisa científica possui, para além dos muros das Universidades. O que escrevemos, para quem escrevemos, por que escrevemos, que destino terá a pesquisa...? Questionamentos como estes são de suma importância para quem desenvolve uma pesquisa científica com o compromisso de que seu trabalho tenha valores sociais e políticos capazes de contribuir positivamente para o desenvolvimento da sociedade.

A responsabilidade social do pesquisador se inicia pelo processo de produção da pesquisa, na lida com o objeto a ser investigado. Uma investigação científica envolve pesquisas de campo, diálogos com pessoas, coletas de dados, revisões bibliográficas e é necessário que estas atividades sigam princípios éticos, sobretudo no que diz respeito aos sujeitos nela envolvidos. Todos os cuidados com relação a autorizações para o uso das informações coletadas, a forma como estas informações serão utilizadas na pesquisa e de que maneira este conteúdo pode contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária são pontos a serem considerados por quem se propõe a desenvolver uma pesquisa científica.

É importante considerar também a importância política da pesquisa, que esta não é apenas um mero texto acadêmico, mas sim uma produção científica capaz de fazer uma interlocução com a sociedade e que não tem seu papel social alcançado se não dialoga com o público fora da academia. É desejável que a escrita acadêmica, embora seja produzida dentro de parâmetros pré-estabelecidos, tenha linguagem que seja acessível para todos, que se faça entender por aquele que a lê, sobretudo aqueles em torno dos quais a pesquisa se desenvolveu.

Foi primordial que a metodologia utilizada na realização desta pesquisa respeitasse os diferentes níveis de letramento dos pesquisados, suas subjetividades e seu olhar sobre os fatos, sobretudo em razão de eu, pesquisadora, ser também trabalhadora do mesmo espaço físico que os entrevistados e ter meu próprio olhar a respeito do tema.

A pesquisa científica que me propus desenvolver teve como objetivo contar a história dos carregadores autônomos que atuam na Ceasa Minas, apontar a precarização deste trabalho, mostrar sua importância no abastecimento alimentar da população. Como observa Roberto A. Follari, “(...) *os problemas que são relevantes para a ciência social os são, antes, para a sociedade em si mesma.*” (MOREIRA, 2001, p. 46). Sendo assim, o tema desta pesquisa foi trazido para a academia justamente por trazer consigo problemas sociais experimentados pelos trabalhadores que laboram nesta função. Talvez seja pretensioso dizer que de fato a pesquisa cumpriu este papel, mas avalio que esta possibilidade foi considerada durante todo o processo de investigação, uma vez que considero ter um papel social e político enquanto pesquisadora.

#### **4.4 Dificuldades enfrentadas na pesquisa**

Ingressei no Programa de mestrado Profissional da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais na turma do ano de 2020, ano em que o mundo entrou em colapso em razão da pandemia da Covid-19. Além das dificuldades enfrentadas pela própria Universidade e pelo curso em si, uma vez que não tínhamos acesso ao Campus e, conseqüentemente, à biblioteca, houve também dificuldades com o próprio local de trabalho dos carregadores autônomos, que era também meu local de trabalho, do qual cheguei a ficar afastada durante algum tempo em razão de ser portadora de comorbidades respiratórias.

Para além disso, o acirramento político vivido nos últimos anos em nosso país não deixou de impactar a população da CeasaMinas em Contagem, sobretudo no que se refere ao processo de privatização da empresa. Percebi nos carregadores autônomos uma certa insegurança em conceder entrevistas: eles aceitavam o convite, marcavam dia e horários, mas desistiam posteriormente, pareciam desconfiados. Foi possível perceber que muitos não se sentiram seguros em dar seus depoimentos, ainda que eu explicasse o objetivo da pesquisa e que nada tinha a ver com questões relacionadas à privatização.

Sendo assim, foquei a pesquisa nos carregadores que aceitaram conversar comigo e intensifiquei a observação de campo, para compreender melhor os processos que envolvem aquela categoria de trabalhadores.

Além disso, há quase nenhum registro sobre a profissão de carregador autônomo exercida no Mercado Livre do Produtor de Contagem. Não há boletins ou jornais do sindicato que os representa, nem mesmo da época em que este era ainda associação. As informações foram colhidas da oralidade, do depoimento dos próprios carregadores. E estes depoimentos nos chegaram sem precisão de datas, com fatos entrelaçados à vida pessoal dos depoentes e a partir daí tentou-se chegar o mais próximo possível do que seria a linha do tempo da profissão de carregador autônomo do Mercado Livre do Produtor da CeasaMinas Contagem.

#### **4.5 Metodologia e produto**

A pesquisa científica que me propus desenvolver a respeito do tema apresentado tem como objetivo contar a história dos carregadores autônomos que atuam no entreposto de Contagem da Ceasa Minas e para tanto, fez-se necessária a interlocução com os indivíduos e entidades ligados à esta atividade.

Para a realização desta investigação os carregadores autônomos, bem como seus representantes sindicais, foram o principal objeto de estudo.

Considerando que a trajetória da categoria pesquisada passa pela trajetória pessoal dos trabalhadores, pela percepção e interpretação que estes têm dos fatos ao longo de sua história como carregadores autônomos e da conjuntura política e social que experimentaram durante todo este período, é de suma importância que a metodologia utilizada na realização desta pesquisa respeite os diferentes níveis de letramento dos pesquisados, os mecanismos sociais que neles atuam, suas subjetividades e seu olhar sobre os fatos, sobretudo em razão de eu, pesquisadora, ser também trabalhadora da CeasaMinas e ter meu próprio olhar sobre o trabalho destes homens.

O produto produzido com o resultado desta pesquisa consiste em cartilha com imagens dos carregadores em seu local de trabalho e trechos dos depoimentos dados por eles. Nesta cartilha, os próprios carregadores apresentam a profissão e as peculiaridades que a envolve.

## **5 DADOS PRELIMINARES: OBSERVAÇÃO DE CAMPO E ANÁLISE DOCUMENTAL**

### **5.1 Revisão Bibliográfica**

Conforme apurado nos acervos do Google Acadêmico, Scielo e nas Bibliotecas da PUC Minas, da UFMG e Fundação Carlos Chagas, em busca pelos termos “carregadores de mercadoria”, “carregadores autônomos” “carregadores Ceasa” e “movimentadores de mercadorias”, foram encontradas publicações relacionadas ao tema desta pesquisa, sendo a maior parte delas voltada para a Ciências da Saúde. Neste campo do conhecimento, o artigo produzido pela médica do trabalho e docente do Departamento de Medicina Preventiva e Social da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP-SP Aparecida Mari Iguti nos traz dados referentes aos carregadores da Ceasa de Campinas, abordando as condições de trabalho e de vida destes trabalhadores, sobretudo ao que está relacionado à precariedade da atividade.

Este estudo fora motivado pela parceria feita entre o Departamento supracitado e a Ceasa Campinas, a fim de conhecer as condições de trabalho do local. Iguti logo se interessou pelos carregadores de mercadorias, dado a grande ocorrência de casos de lombalgia nestes trabalhadores, ocorridas em decorrência do carregamento de peso.

Por meio de entrevista a 20 carregadores, Iguti aborda questões relacionadas à atividade exercida: como realizam seu trabalho, como se relacionam entre si, como se relacionam com os tomadores de seu serviço e, principalmente, sobre o carregamento de mercadorias e os impactos causados na saúde dos trabalhadores. Embora também estejam em uma central de abastecimento, a maneira de organização dos carregadores pesquisados pela autora é diferente dos carregadores pesquisados por este estudo. Os carregadores da Ceasa Campinas não têm representação de classe, não há sindicato e nem mesmo associação que os represente. Não se sabe ao certo a quantidade de trabalhadores que lá atuam, sendo os números estimados entre 800 e 1800 carregadores.

Sobre o trabalho dos carregadores de mercadoria da Ceasa Campinas, Aparecida Mari Iguti observa:

A precariedade atinge os trabalhadores de diversas formas, num mesmo trabalho. Podemos considerar as relações de trabalho, mas notamos que aparece com as formas de pagamento do trabalho, da organização de trabalho, cuja transparência não é nada evidente, dos riscos à saúde decorrentes da própria atividade, dos danos às mercadorias, que podem representar prejuízos; das dificuldades de acesso ao trabalho, de como são vistos pela sociedade e do próprio contexto econômico social, que os

afeta diretamente, pois quando os varejões "quebram" veem-se sem receber pelo trabalho já executado, além do risco de não receberem pelo trabalho, que ocorre com certa frequência. (IGUTI, 2003, p. 105-106)

Também ressaltando a precariedade do trabalho dos carregadores de mercadoria, Luzia Márcia Resende Silva e Elane de Azevedo trazem em suas pesquisas perspectivas destes trabalhadores nas cidades de Uberlândia e Manaus, respectivamente. A modalidade de movimentação de mercadorias de que tratam estas duas autoras difere um pouco da que trata esta pesquisa, pois não estão restritas apenas ao gênero alimentício, a pesquisa não foi realizada em espaço demarcado e o trabalho dos carregadores é feito manualmente, sem o uso de carrinhos. Embora tenham sido identificadas estas diferenças, os dois estudos nos trazem importantes contribuições para a fundamentação e embasamento desta pesquisa.

Utilizando-se da História Oral, Lúcia Márcia Resende Silva mapeou o trabalho dos movimentadores de mercadoria da cidade de Uberlândia a partir do olhar dos trabalhadores, a fim de compreender a maneira como estes se organizam para conseguir trabalho através do que chamam de “Pontos/Pedras de Rua”, que são as “vagas” de trabalho disponíveis.

A autora nos traz à reflexão de que a atividade de movimentação de mercadorias não se trata apenas de “trabalho informal e realizado por mão-de-obra desqualificada” (SILVA, 2022, p. 198). Silva ressalta a importância destes trabalhadores para a economia da cidade e a necessidade de compreender a atividade, e não classificá-la apenas como trabalho braçal, informal e desqualificado.

A carga e descarga de mercadorias em áreas terrestres é uma atividade que, apesar da importância e antiguidade, tem sido alvo de pouco interesse acadêmico, talvez exatamente porque não se pense que sua historicidade e as práticas que envolvem mereçam serem pesquisadas, porque está é uma atividade já de antemão classificada como “informal, desqualificada” realizada por “trabalhadores braçais” e nisso talvez se resuma toda a compreensão que seja necessária. (SILVA, 2022, p. 198).

Elane de Azevedo Pires tem como objeto em sua pesquisa os carregadores e transportadores de bagagens do Porto da Ceasa. Embora tenha nome de “Ceasa”, não se trata de um centro de abastecimento, e sim de um porto, que fica localizado no bairro de nome Ceasa, em Manaus. A atividade exercida pelos trabalhadores que lá laboram tem características distintas da dos trabalhadores da CeasaMinas, como já mencionado alhures, sobretudo por estarem em área portuária.

Estes trabalhadores também não têm representação de classe e, conforme relatado por Pires, expressaram nas entrevistas a ela concedidas o desejo de se organizar, de criar uma associação para que seus direitos sociais pudessem ser garantidos. Os trabalhadores relataram

também que há solidariedade entre eles, pois dão suporte uns aos outros quando surge alguma dificuldade, como no caso de adoecerem, por exemplo.

Sobre os carregadores de bagagens de Manaus, a autora observa:

É nesse contexto que inserem-se os carregadores de bagagens de Manaus, não fazem parte das estatísticas, ninguém sabe ao certo, quantos existem, eles parecem invisíveis no âmbito do mercado de trabalho manauense. Estão à margem das relações trabalhistas, não tem acesso a um conjunto de garantias sociais. São invisíveis para as instituições, não fazem parte dos registros oficiais e não tem representação política, mas eles fazem parte da história no meio desse caos dos portos de Manaus, não só nos anos pretéritos como no presente. (PIRES, 2022, p. 4)

A pesquisa realizada por Jamir Osvaldo Kinoshita é a que apresenta o objeto de estudo mais semelhante ao objeto de estudo desta pesquisa: carregadores autônomos da Ceagesp – Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo. Em seu estudo, Kinoshita mostra como a junção entre comunicação e mundo do trabalho contribui para a formação da identidade destes trabalhadores.

Assim como a CeasaMinas, a Ceagesp é uma empresa do Governo Federal criada para fins de abastecimento de alimentos e insumos para a população, com características e forma de organização semelhantes, o que aproxima também a forma de organização dos carregadores autônomos que trabalham nestas empresas.

A atividade, eminentemente masculina, árdua e que demanda muita força, remete aos moldes de trabalho braçal da era medieval, sobrevivendo em pleno século XXI em meio a uma situação total de precarização da mão de obra. Com seus carrinhos de madeira repletos dos mais diversos tipos de mercadorias, eles têm uma jornada de trabalho bastante pesada e exaustiva. (KINOSHITA, 2019, p. 6)

Os carregadores da Ceagesp têm representação de classe e o sindicato que os representa leva nomenclatura semelhante à do sindicato que representa os carregadores autônomos da CeasaMinas: Sindicar-SP - Sindicato dos Carregadores Autônomos em Centrais de Abastecimento no Estado de São Paulo.

Dentre a vasta quantidade de dados e conclusões que Kinoshita traz em sua pesquisa, nos chama atenção ao fato de o autor identificar o saber produzido por aqueles trabalhadores. *“Salientamos que esses profissionais dispõem de uma maneira toda peculiar para carregar e preservar os gêneros transportados, sejam eles quais forem”*. (KINOSHITA, 2019, p. 170).

Kinoshita observa também as dificuldades encontradas pelos carregadores da Ceagesp: *“Identificamos plenamente a precarização do trabalho, a insegurança ocasionada pela*

*incerteza de se conseguir realizar um carregamento e, com isso, obter dinheiro para o próprio sustento e de suas famílias.”* (KINOSHITA, 2019, p. 132)

Como se vê, há um ponto de convergência no posicionamento das quatro pesquisas supracitadas: a precariedade do trabalho dos movimentadores de mercadorias. Ambas trazem as dificuldades da atividade, seja na organização coletiva da categoria, seja no que se refere à saúde, seja no aspecto social. Assim, torna-se importante reforçar esta discussão dentro da academia, pois é estudando o trabalho realizado por estes sujeitos, conhecendo os aspectos da atividade, que se pode construir possibilidades de melhorias de condições de trabalho para estes trabalhadores. Acredito também que é necessário reforçar o que há de belo nesta profissão, humanizar a atividade. Não se trata de romantizar o trabalho precário, mas de enxergar a poesia no árduo cotidiano dos movimentadores/carregadores de mercadorias.

## **5.2 Dados e legislação referentes aos carregadores autônomos da CeasaMinas**

De acordo com dirigentes do Sindicar-MG, não há publicações de entidades representativas dos carregadores autônomos produzidas durante os mais de 40 anos de existência da atividade no entreposto de Contagem.

Em análise prévia ao ordenamento jurídico, temos a Lei 12.023 de 2009 que trata das atividades de movimentação de mercadorias em geral e sobre o trabalho avulso e regulamenta a atividade dos carregadores. Esta Lei, além de regulamentar a atividade no que diz respeito a direitos trabalhistas de movimentadores de mercadorias com vínculo empregatício, regulamenta também o trabalho daqueles movimentadores de mercadoria que atuam de forma avulsa, definindo suas atividades como aquelas desenvolvidas em áreas urbanas ou rurais sem vínculo empregatício. A partir de então, houve a obrigatoriedade de ambas as modalidades de trabalho de movimentadores de mercadoria serem intermediadas por sindicato da categoria ou por meio de Acordo ou Convenção Coletiva de Trabalho para a execução das atividades. (BRASIL, 2009)

No caso da CeasaMinas, os carregadores que trabalham nas lojas enquadram-se como movimentadores de mercadorias em geral com vínculo empregatício e os carregadores autônomos enquadram-se como movimentadores de mercadorias em geral avulsos. Com a entrada em vigor da Lei 12.023 de 2009, o Sintramov - Sindicato dos Trabalhadores na Movimentação de Mercadorias em Geral, que representa os trabalhadores desta categoria que possui vínculo empregatício, buscou junto ao Ministério Público do Trabalho a regularização dos trabalhadores que atuavam no entreposto da CeasaMinas de Contagem.

Em 05 de março de 2015, foi firmado TAC - Termo de Ajustamento de Conduta entre o Ministério Público do Trabalho, a CeasaMinas, a APHCEMG (Associação dos Produtores de Hortifrutigranjeiros das Ceasas do Estado de Minas Gerais), a ACCeasa – (Associação Comercial da Ceasa), o Sindicar-MG, o Sintramov e a Ascar (Associação dos Carregadores e Chapas Autônomos da Ceasa/Contagem), para adequação das atividades dos carregadores de lojas e carregadores autônomos no entreposto da CeasaMinas de Contagem aos termos da Lei supracitada.

Através deste TAC, estas entidades representativas alinharam as diretrizes necessárias para que se alcançasse a regularização exigida pela Lei, uma vez que o cadastro de carregadores que antes era feito pela CeasaMinas passou a ser feito pelos sindicatos representantes da categoria (carregadores de lojas pelo Sintramov e carregadores autônomos pelo Sindicar). À CeasaMinas coube não permitir o trabalho de carregadores informais e não cadastrados e a disponibilização de área para a instalação do Sintramov, Ascar e Sindicar e para armazenamento dos carrinhos dos carregadores, sob o valor simbólico de R\$0,06 (seis centavos de real) e fornecer as informações sobre os carregadores cadastrados que na ocasião estavam em atividade no entreposto. Ao Sindicar e à Ascar, entidades representantes dos carregadores autônomos objeto deste estudo, assim como ao Sintramov, que representa os carregadores de lojas, coube fazer a partir de então a gestão dos cadastros dos carregadores que trabalham Unidade Contagem, bem como mediar a atividade junto aos empregadores e tomadores de serviço. Às demais entidades, APHCEMG e ACCeasa, coube orientar produtores rurais e lojistas quanto a gestão de cadastro e mediação do trabalho dos carregadores, que a partir daí seria feita pelos supracitados sindicatos. (BRASIL, 2015)

Em se tratando de legislação, há ainda um conjunto de normas internas da CeasaMinas, o chamado Regulamento de Mercado, que teve sua última edição no ano de 2016 e que traz diretrizes para todo o conjunto de trabalhadores e trabalhadoras que operam o entreposto, desde empregados da empresa, comerciantes, produtores rurais e carregadores, sejam eles autônomos ou registrados nas lojas. Este Regulamento traz as normas de operação para os carregadores autônomos e as sanções administrativas no caso de se não cumprimento. (CEASAMINAS, 2016)

## 6 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DO OBJETO DE ESTUDO

### 6.1 Considerações sobre as entrevistas e análise documental

Conforme mencionado, o objetivo desta pesquisa consistiu em compreender a construção da identidade da categoria de carregadores autônomos da CeasaMinas de Contagem através de sua dinâmica de trabalho, dos saberes por eles produzido, da relação com seus pares, com a CeasaMinas, com os compradores e produtores rurais pra quem prestam serviço. E foi através da oralidade que se buscou conhecer um pouco do trabalho da categoria, a partir do olhar dos próprios trabalhadores, uma vez que não foram encontrados registros ou documentos que contassem sua história. Os poucos documentos encontrados tratavam do Termo de Ajustamento de Conduta firmado entre CeasaMinas, carregadores e sindicatos. Sendo assim, as entrevistas foram a principal fonte de informações sobre o surgimento e organização da categoria.

Foram entrevistados 5 carregadores entre 32 e 60 anos, que representam em parte os diferentes grupos de trabalhadores, dos mais jovens aos mais experientes e que estão atualmente trabalhando no Mercado Livre do Produtor (também conhecido como Pedra, conforme supramencionado) no entreposto da CeasaMinas em Contagem.

Embora houvesse um roteiro pré-formulado de perguntas a serem feitas aos entrevistados, o método de entrevista narrativa foi o predominante nas entrevistas, pois era importante considerar a subjetividade de cada um, o que a profissão de carregador autônomo representa em suas vidas e a forma como se expressa cada um deles. As perguntas foram inseridas no contexto das conversas, mas a prioridade foi ouvir o que os entrevistados tinham a dizer.

(...) o saber sempre se fez presente como um objeto de conversas dentro e fora do trabalho, como um aspecto integrado ao movimento da vida, expressão de que a realidade é síntese das múltiplas relações, econômica, política, social, cultural e subjetiva. Portanto, os saberes dos trabalhadores são, antes de qualquer sistematização, uma experiência do trabalhador, com as marcas subjetivas e com as marcas de sua classe (SANTOS e OLIVEIRA, 2019, p. 46).

Houve quem quisesse contar detalhes sobre sua trajetória como carregador autônomo e sobre a vida pessoal, houve quem não quisesse dizer nem o quanto cobra por volume carregado. Considerando estes diferentes perfis, as entrevistas foram direcionadas para obter as informações consideradas importantes para compreender a dinâmica de trabalho dos carregadores autônomos e priorizaram as narrativas dos entrevistados.

Durante a observação de campo, feita durante 6 meses em horários diversos mas, em sua maior parte, no período da manhã, foi possível também conversar com muitos trabalhadores de maneira informal e, embora estas conversas tenham acontecido de forma “despretensiosa” e não tenham sido catalogadas, muito contribuíram para compreender as circunstâncias referentes à profissão de carregador autônomo na CeasaMinas.

## **6.2 O trabalho dos carregadores autônomos**

### **6.2.1 O início da profissão de carregador autônomo na CeasaMinas**

Segundo relato das entrevistas, o trabalho dos carregadores de mercadorias do Mercado Livre do Produtor começou de forma “clandestina”, logo quando o espaço foi inaugurado, no ano de 1974. O trabalho hoje realizado por eles era feito exclusivamente pelos produtores rurais, apenas eles próprios podiam carregar e descarregar suas mercadorias. A tarefa de produzir, transportar e comercializar os produtos hortifrutigranjeiros dificultava os processos de fluxo da mercadoria: a organização de toda a cadeia produtiva, desde a produção, o transporte e a comercialização, demandava nesta última etapa, um dispositivo organizacional que permitisse melhorar a dinâmica de comercialização pois, carregar peso e muito peso não é algo que qualquer pessoa tenha capacidade de fazer e fazer sem se queixar. Uma vez vendida, a mercadoria precisava ser levada aos veículos dos compradores, o que também causava transtornos, pois nem sempre o comprador era capaz de fazer ou não queria fazer este trabalho sozinho. Nem quem produz, nem quem compra deseja carregar peso. Além de desvalorizado socialmente, o trabalho que se faz carregando mercadorias hortifrutigranjeiras é cansativo, doloroso e muitas pessoas não conseguem fazê-lo.

Diante destas dificuldades, muitos que já trabalhavam na Ceasa ou frequentavam o ambiente perceberam no descarregamento e transporte destas mercadorias uma oportunidade de trabalho, como relatou o carregador entrevistado José:

Essa ‘profissão carregador’ não existia, era proibido. Esse trabalho era feito pelos próprios produtores né, ou até os próprios compradores que vinham. Os próprios produtores que descarregavam, mas era minoria, era minoria, era digamos assim, digamos 3 ou 4% de toda a Pedra. O que acontecia, a gente vinha, como diz, era uma opção. A gente via ali uma oportunidade de ganhar uma mixaria. Então, mesmo que clandestinamente, a gente oferecia esse trabalho. (José, carregador autônomo)

Com o passar do tempo, a atividade ficou cada vez mais comum e os carregadores em número cada vez maior. A administração do Mercado Livre do Produtor compreendeu a importância do trabalho dos carregadores bem como de reivindicações em torno de estabelecer-se algum vínculo com o trabalho, assim, passou a organizar os trabalhadores por meio de cadastro como carregadores autônomos. Este cadastro era administrado pela própria CeasaMinas.

A partir de então, os agora carregadores autônomos passaram a ser cadastrados, reconhecidos e identificados por uniforme e numeração dos carrinhos. No ano de 1996 fundaram a Associação dos Carregadores Autônomos - ASCAR e a entidade passou a exercer o papel de representante dos carregadores na defesa de seus interesses. No mesmo ano, construíram uma sede para organizar a associação localizada próximo ao Mercado Livre do Produtor, em espaço conquistado pela categoria, onde também está a “Casa dos Carrinhos”, local em que são guardados os carrinhos quando não estão em uso. A sede serve também como ponto de apoio dos carregadores, com banheiro, vestiário, bebedouros e escritório onde estão concentradas as atividades administrativas da entidade e onde é feito atendimento dos carregadores cadastrados. Após o Termo de Ajustamento de Conduta feito entre Ministério Público do Trabalho, CeasaMinas e os carregadores no ano de 2015, a Ascar tornou-se Sindicar-MG e mantém o mesmo local como sede.

Abaixo, imagens mostram a sede do Sindicato dos Carregadores dos Mercados Livres de Produtores Rurais e de Hortifrutigranjeiros do Estado de Minas Gerais. A Figura 5 mostra a escada que dá acesso ao escritório do sindicato. A porta, ao lado da entrada pela escada, dá acesso aos banheiros e vestiários. A segunda foto mostra a Casa dos Carinhos. A faixa afixada na grade informa aos carregadores sobre as obras que estavam sendo realizadas pelo Sindicar em suas instalações.

Figura 5 – Sede do Sindicar-MG



Fonte: registro feito pela autora / 2022

Figura 6 – Casa dos Carrinhos



Fonte: registro feito pela autora / 2022

Interessante pensar o surgimento do ofício de carregador autônomo e toda sua trajetória até a criação de um sindicato que representa a categoria sob a lógica da dimensão ontológica do trabalho apresentada por Marx (1972), onde os seres humanos, ainda que sendo também seres integrantes da natureza, nela interferem para, através da ação consciente do trabalho, criar e recriar sua própria existência. Os trabalhadores identificaram a lacuna que havia no processo de carregamento e descarregamento de mercadorias, identificaram a oportunidade de trabalho, ocuparam esta lacuna, de clandestinos passaram a ter sua atividade laboral reconhecida pela CeasaMinas. Posteriormente, organizaram-se primeiramente em uma associação que mais tarde tornou-se sindicato. Esse processo atendeu a necessidade individual daqueles que a partir deste trabalho passaram a garantir sua subsistência e a necessidade coletiva de dinamizar a compra e venda de produtos hortifrutigranjeiros.

O trabalho, enquanto fundamento ontológico do ser social produz as condições materiais objetivas e subjetivas necessárias à existência do homem dentro da organização social; portanto, o trabalho tem como essencialidade não atender apenas as necessidades individuais, mas, as necessidades da coletividade. (COSTA, DOLCI, PEREIRA; 2023)

Hoje, a forma de identificação dos carregadores autônomos, se dá por meio de uniformes e numeração de carrinhos, embora contribua para organizar a categoria, em uma gestão mesmo bem intencionada, produz um certo apagamento ou coisificação. Curioso ainda é que, mesmo diante deste “apagamento”, em 1996, criou-se uma associação. Ou seja, mesmo dentro de uma instituição conservadora e reprodutora dessa lógica, em parte, alienadora ou desumanizadora, a pesquisa revela que a experiência de trabalho supera normas organizacionais e que, os trabalhadores vêm, ao longo dos anos, construindo outra lógica com suas humanidades. Como sabemos, o trabalho tem um princípio educativo e os sujeitos vencem as lógicas de coisificação e suas subjetividades vão ocupando lugar, transformando o lugar.

Podemos observar o princípio educativo presente no trabalho, quando percebemos a possibilidade de o trabalhador se desenvolver em todas as suas potencialidades, tornando-se um ser humano com uma visão crítica não só em seu processo de trabalho, mas na vida em comunidade, com uma melhor compreensão de seus direitos e deveres, seu ambiente de trabalho, perigos e riscos com potencial de causar-lhe algum dano. O conhecimento liberta quando não é realizado apenas de forma mecanizada, quando fornece ao ser humano meios de se desenvolver em todos os aspectos: físico, mental, intelectual, prático, laboral, estético, político, combinando estudo e trabalho (PEREIRA; LIMA, 2008).

Problematizando a tese de que o conhecimento liberta, as observações, as entrevistas e estudos realizados no percurso desta pesquisa permite-nos dizer que é o trabalho que liberta,

mesmo nas condições aqui retratadas, ou ainda, é o trabalhador, mesmo no posto de trabalho, sob exploração, que constrói as condições de sua própria humanidade.

Atualmente, os carregadores utilizam uniforme azul marinho com escrita amarela e os carrinhos também são pintados na cor azul marinho e possuem placas de numeração semelhantes às antigas placas de automóveis utilizadas no Brasil.

Figura 7 – Carrinhos azuis estacionados no MLP



Fonte: registro feito pela autora / 2022

Figura 8 – Carrinhos azuis estacionados no MLP



Fonte: registro feito pela autora / 2022

Figura 9 – Carregador Autônomo Uniformizado



Fonte: registro feito pela autora / 2022

Para se tornar carregador, conforme disposto no Termo de Ajustamento de Conduta supramencionado, é necessário se inscrever no Sindicar e aguardar a disponibilização de vagas que surgem quando um carregador já cadastrado cancela sua inscrição ou se aposenta, por exemplo. Em caso de falecimento do carregador, a vaga por ele ocupada é repassada a seus

herdeiros. Caso nenhum deles tenha interesse em assumi-la, a vaga é repassada aos que estão aguardando na fila de inscritos.

Foi identificado que há casos de famílias inteiras (avô, pai, filho, tio, sobrinho) que exercem o ofício de carregador autônomo. É comum ver carregadores com seus filhos pequenos passeando no Mercado Livre do Produtor, sobretudo aos sábados, em que há pouco movimento e acontece a feira de produtos hortigranjeiros, comidas, roupas, flores e artesanatos. As crianças crescem já convivendo naquele ambiente, familiarizando-se com a atividade de carregador, com os produtores rurais, com os caminhoneiros, com trabalhadores da CeasaMinas.

Como há limitação de 800 vagas para carregador autônomo na CeasaMinas e uma grande procura, o tempo de espera para aqueles que desejam ingressar na profissão costuma ser longo, em torno de 6 meses a 3 anos.

Uma vez surgida a vaga, é necessário que o trabalhador se inscreva no Instituto Nacional do Seguro Social – INSS – para que seja feita a contribuição para a Previdência Social e também deve ingressar para o quadro de filiados do Sindicato. O carregador deve manter a mensalidade da Previdência Social e a mensalidade do sindicato em dia, para que permaneça com seu cadastro ativo.

A exigência de inscrição no INSS surgiu quando o cadastro de carregadores ainda era feito e administrado pela CeasaMinas, a fim de resguardá-los em caso de doença, invalidez e também para garantir sua aposentadoria e suporte à família em caso de sua morte.

Esta medida, segundo os entrevistados, é vista com bons olhos pelos carregadores, uma vez que facilita a obtenção de benefícios para aqueles que não têm conhecimento a respeito de seguridade social e não os deixa desamparados em caso de algum imprevisto acontecer.

“Eu pago o INPS também, tem isso, se Deus o livre chegar de machucar, acontecer alguma coisa com a gente, eu tenho INPS, INSS. Eu acho bom, o meu tá em dias e eu não deixo atrasar não. E é bom também quando cê vai aposentar, tem isso também né? Por isso é bom ter o INSS, desde quando eu entrei aqui que eu pago.” (Pedro, carregador autônomo)

Por outro lado, há de se observar que essa medida resguarda também a CeasaMinas de possível responsabilização em relação à saúde e previdência social dos trabalhadores, transferindo para os mesmos esta obrigação. Ainda que o trabalho dos carregadores aconteça sem vínculo empregatício com a CeasaMinas, a atividade é exercida no espaço da empresa e a inscrição no INSS na condição de autônomo a isenta a de obrigações para com aqueles trabalhadores.

### 6.2.2 A rotina de trabalho dos carregadores autônomos

O horário de funcionamento (comercialização) da Unidade Contagem da CeasaMinas é de 04:00 às 21:00 horas, de segunda-feira a sábado. Entretanto, aqueles que têm credenciais de acesso podem adentrar o entreposto a qualquer dia, qualquer horário. É o caso dos carregadores autônomos, que estão na Ceasa 24 horas por dia, garantindo o carregamento e descarregamento das mercadorias.

O trabalho dos carregadores divide-se em dois turnos: o da noite/madrugada, que concentra o descarregamento das mercadorias que estão chegando nos caminhões e o da madrugada/manhã, que consiste no escoamento dos produtos para os compradores. Os dias de maior movimento no Mercado Livre do Produtor são às segundas, quartas e sextas-feiras.

Sendo assim, os carregadores chegam nas tardes de domingos, terças e quintas-feiras para fazer o descarregamento das mercadorias. Nos outros dias da semana o movimento é consideravelmente reduzido e, conseqüentemente, é menor também a quantidade de carregadores trabalhando.

Conforme relatado nas entrevistas, os carregadores chegam ao entreposto de tarde para noite, entre 14:00 e 22:00 horas, para já começar a descarregar os produtos que serão comercializados a partir das 4:00 horas da manhã do dia seguinte.

As mercadorias são descarregadas nas áreas dos produtores rurais, que são espaços de 6 metros quadrados reservados previamente para a disposição das mercadorias. Os produtores reservam a quantidade de áreas necessárias para comportar sua produção e os carregadores alocam as mercadorias nesses espaços. Não há quem receba as mercadorias nas áreas, os motoristas chegam com os produtos e os carregadores já sabem onde precisam descarregar. Eles mesmos fazem a organização dessas mercadorias para que sejam comercializadas mais tarde, quando os próprios produtores rurais ou seus empregados cadastrados chegam para fazer a venda.

Os trabalhadores entrevistados explicam que há carregadores “especializados” em descarregar cada tipo de mercadoria: os que são especializados em descarregar tomate, os especializados em descarregar abóbora, os especializados em descarregar milho e assim, sucessivamente, para cada produto. Alguns descarregam mais de um tipo de produto. O condicionamento físico também interfere: é necessário ter um corpo forte o suficiente para aguentar o peso de mercadorias mais pesadas, como sacas de batata e de abóbora.

Tem umas partes selecionadas que nem todo mundo sabe descarregar, igual abóbora. De 800 carregador, que desce abóbora, se tiver muito, é 10. Pelo tanto de carregador, são muitos poucos que querem descer abóbora. Igual batata: o carregador, cê pode ver que maioria dos carregador que pega batata é mais jovem. Os mais velhos já não tão dando conta mais. (Gustavo, carregador autônomo)

A contagem dos volumes carregados é feita também pelos próprios carregadores. Eles contam que “só de olhar” a altura dos volumes empilhados nos carrinhos ou nas áreas dos produtores já sabem a quantidade de caixas ou sacas que foram carregadas / descarregadas.

Percebe-se nos relatos que há um princípio educativo no ofício de carregador: não se trata apenas de retirar as mercadorias dos caminhões, colocar nas áreas dos produtores e, posteriormente, levar para os veículos dos compradores. É necessário saber como manusear cada mercadoria, como acomodá-las, como retirá-las das pilhas que foram anteriormente feitas. E esses saberes são produzidos no próprio ambiente de trabalho, na experiência diária de carregar e descarregar mercadorias, no olhar dos carregadores mais jovens para o trabalho dos carregadores mais velhos a fim de aprender as técnicas da profissão. Há um conhecimento tácito desenvolvido e reproduzido pelos próprios trabalhadores, que caracteriza e organiza a atividade de carregador autônomo. Isso mostra a capacidade de auto gestão e organização dos trabalhadores, uma vez que a própria categoria se organizou e desenvolveu as técnicas de execução do trabalho.

Mais do que um componente dos meios de trabalho, a ciência, como força produtiva/mercadoria, tende a reforçar o fetiche de que só o capital pode reunir as condições para organizar o processo de trabalho. Em face dessa questão, trazemos a hipótese de que os trabalhadores podem superar a tradição burguesa de organização do processo de trabalho, sob forte influência do princípio educativo do trabalho, potencializando um uso social para a técnica, a tecnologia e a ciência em um processo de trabalho que não se baseie em máquinas unidas e homens separados. (SANTOS; RUMMERT, 2023)

Além disso, embora o trabalho seja caracterizado como autônomo, os carregadores fazem parcerias com os produtores rurais. Algumas delas duram anos, como relatado nas entrevistas. Estas parcerias são firmadas com os produtores que cultivam os produtos nos quais os carregadores são especializados em descarregar. Como não há quem receba as mercadorias nas áreas dos produtores rurais quando estas chegam, o próprio carregador se torna responsável por elas e, segundo os relatos obtidos, o cuidado e a responsabilidade que o carregador autônomo tem para com as mercadorias dos produtores é que fortalece os laços de confiança nos serviços prestados e faz com que o mesmo produtor rural permaneça durante anos contratando o trabalho do mesmo carregador autônomo.

Assim acontece também com os compradores, que compram as mercadorias dos produtores rurais e contratam os carregadores para transportá-las até seus veículos: o conhecimento que o carregador tem sobre as mercadorias, sobre sua qualidade, sobre a comercialização agrega valor ao trabalho de carregar e descarregar as mercadorias e fideliza os clientes compradores. Os que frequentam o Mercado Livre do Produtor com frequência também guardam o hábito de contratar sempre os serviços do mesmo carregador autônomo.

Para facilitar o trânsito dos carregadores autônomos no Mercado Livre do Produtor e também nas ruas do entreposto da CeasaMinas de Contagem, há placas no pavilhão indicando o sentido (mão e contramão de carrinhos) e também espaços de passagens na calçadas nivelados com o asfalto. Há também rampas de acesso nos pavilhões para passagem dos carrinhos.

Figura 10– Espaço na calçada para passagem de carrinhos



Fonte: registro feito pela autora / 2022

Figura 11 – Carrinho passando no espaço da calçada



Fonte: registro feito pela autora / 2022

Figura 12 - Placa de sentido proibido no MLP



Fonte: registro feito pela autora / 2022

Figura 13 – Placa de sentido obrigatório no MLP



Fonte: registro feito pela autora / 2022

### 6.2.3 Trabalho noturno

Durante a noite e madrugada, o trabalho realizado pelos carregadores consiste em descarregar as mercadorias que chegam do campo trazidas pelos motoristas contratados pelos produtores rurais e condicioná-las em suas respectivas áreas, que são previamente marcadas junto à administração do Mercado Livre do Produtor pelos produtores. Observa-se então que os carregadores são também descarregadores e acondicionadores de mercadorias.

Conforme relatado, os carregadores autônomos firmam parcerias com os produtores rurais e muitas vezes ficam bastante tempo sem nem mesmo vê-los pessoalmente, as tratativas se dão através de telefone e são firmadas apenas de forma verbal, não há registros escritos ou contratos. A mercadoria chega e os carregadores já sabem onde têm de descarregar e como deve ser feito o descarregamento e acondicionamento de cada produto, uma vez que não há quem

receba estas mercadorias. Este trabalho, na maioria dos casos, é feito por mais de um carregador, uma vez que os carregadores também firmam parcerias de trabalho entre si para atuar no descarregamento das mercadorias. São grupos de três, quatro carregadores que ficam responsáveis por descarregar os produtos dos produtores rurais, sendo que um destes carregadores atua como uma espécie de líder do grupo, fazendo a intermediação com o produtor rural e escolhendo os carregadores que irão trabalhar naquele descarregamento. Há casos de carregadores que trabalham sozinhos descarregando a carga completa de um caminhão, mas estes são raros.

A comercialização dos produtos hortifrutigranjeiros se inicia a partir das 4 horas da manhã e neste horário as mercadorias já têm de estar disponíveis para venda que é feita pelos produtores rurais ou seus empregados, que já as encontram a em suas respectivas áreas quando chegam para comercializá-las. Sendo assim, os carregadores autônomos que trabalham no descarregamento chegam ao Mercado Livre do produtor no final da tarde, horário em que os caminhões cheios já estão começando a chegar para já preparar as mercadorias que serão vendidas na manhã seguinte. Trata-se de toneladas de mercadorias, pois as mesmas abastecem todo o comércio de alimentos hortifrutigranjeiros da região metropolitana de Belo Horizonte e também de algumas cidades no raio de 300km do entreposto da CeasaMinas de Contagem. A imagem abaixo, registrada por volta de 21 horas, ilustra uma pequena e representativa parte das mercadorias já dispostas.

Figura 14 – Carregadores acondicionando mercadorias nas áreas dos produtores rurais no MLP



Fonte: registro feito pela autora / 2022

#### **6.2.4 Trabalho Diurno**

Às 4 horas da manhã, os produtos começam a ser comercializados. A partir daí, o trabalho dos carregadores muda: fazem o carregamento da mercadoria adquirida dos produtores rurais em suas respectivas áreas para os veículos dos compradores.

Os compradores passam nas áreas dos produtores rurais para adquirir as mercadorias, que são vendidas por eles próprios ou por seus empregados que, diferentemente dos carregadores, precisam ter vínculo empregatício com o produtor e são cadastrados junto à

administração da CeasaMinas. Em caso de cônjuge ou filho do produtor, basta a comprovação do parentesco para realizar o cadastro.

Após passarem em todas as áreas que desejam e fazerem o pagamento das mercadorias, os compradores procuram os carregadores com a lista de produtos e das respectivas áreas para que sejam recolhidas. Os carregadores, com a lista de produtos em mãos, passam em cada uma das áreas, carregam a mercadoria em seus carrinhos e descarregam no veículo do comprador. Os compradores são funcionários de supermercados, sacolões, restaurantes de cidades a um raio de 300 quilômetros de Belo Horizonte e os veículos são diversos, desde pequenos como caminhonetes e furgões, até caminhões.

Assim como no caso dos produtores rurais, os compradores assíduos também firmam parcerias com os carregadores autônomos. O carregamento das mercadorias é feito sempre com o mesmo carregador, o que facilita o trabalho em razão de a natureza das compras de cada comprador já ser conhecida. Entretanto, a rotatividade de compradores é maior do que a de produtores rurais, então esta clientela está sempre em renovação.

As imagens a seguir ilustram o trabalho dos carregadores autônomos no período da manhã: recolher as diversas mercadorias nas respectivas áreas dos produtores e acondicioná-las em seus veículos.

Figura 15 – Carregador transportando mercadorias de comprador



Fonte: registro feito pela autora / 2022

Figura 16 – Carregador acondicionando mercadorias em veículo de comprador



Fonte: registro feito pela autora / 2022

### 6.2.5 Remuneração

Tanto para o horário noturno quanto para o horário diurno, o trabalho dos carregadores autônomos é cobrado por volume carregado. Cada caixa, cada saca de mercadoria é cobrada de forma individual e o volume total carregado forma o valor final a ser pago, que é igual à soma das quantidades de unidades carregadas.

Há uma sugestão de valor cobrado por carregamento e descarregamento feita pelo sindicato e informada através de placas instaladas no Mercado Livre do Produtor: R\$0,75 (setenta e cinco centavos) para carregar e R\$1,50 (um real e cinquenta centavos) para descarregar. Conforme relatado, na maioria das vezes esta sugestão de valor não é seguida e cada carregador negocia seu preço. Alguns cobram mais pelo serviço, outros menos.

Esta variação de valores cobrados está relacionada com o produto, com a experiência e reputação do carregador no mercado. Geralmente, os carregadores mais experientes cobram mais caro pelo descarregamento, mas, como já mencionado, os carregadores mais novos também conseguem uma boa remuneração se são bem vistos pelo trabalho que fazem. Há situações também onde o carregador, para não perder o cliente, pratica valores abaixo da tabela sugerida pelo Sindicato.

O valor da tabela não contempla, mesmo assim as pessoas questionam pra poder pagar. Às vezes o carregador, pra não perder o seu serviço, ele ainda continua carregando a R\$1,20, R\$1,30. Ainda a noite tem carregador que tá cobrando R\$0,60, R\$0,70, por aí. (José, carregador autônomo)

Quando é cobrado um valor mais alto para o carregamento para compradores, os carregadores oferecem um serviço a mais, que é o de avaliação das mercadorias adquiridas no que tange à qualidade, ponto de maturação, durabilidade. Há também situações em que o carregador negocia o preço de acordo com a quantidade de mercadorias a ser carregada ou descarregada.

Foi possível compreender que a negociação dos valores dos serviços prestados fica a cargo de cada carregador e que a experiência e, principalmente, a reputação do carregador no mercado muito influenciam nessas negociações. Os clientes aceitam pagar um pouco mais caro pelo trabalho de carregadores já conhecidos no mercado e que têm boas indicações. Mas há também os que pechinçam e por vezes desvalorizam o trabalho dos carregadores ao propor pagamento abaixo da tabela sugerida pelo sindicato.

A média salarial de cada carregador autônomo dependerá de quantos dias o carregador trabalha por semana, o volume de carga que suporta carregar e o valor cobrado por cada volume. Há relatos de ganhos entre R\$3.000,00 e R\$6.000,00 mensais, mas os valores variam de acordo com a capacidade de trabalho de cada trabalhador.

Abaixo, a imagem mostra a placa afixada no Mercado Livre do Produtor indicando a tabela sugerida pelo Sindicar-MG dos valores a serem pagos aos carregadores autônomos por seu trabalho:

Figura 17 – Placa com valores sugeridos pelo Sindicar-MG afixada no MLP



Fonte: registro feito pela autora / 2022

### **6.2.6 Infraestrutura do Mercado Livre do Produtor**

Foi recorrente na fala dos carregadores entrevistados observações quanto à infraestrutura oferecida pela CeasaMinas não apenas para quem trabalha, mas para quem frequenta o Mercado Livre do produtor da CeasaMinas de Contagem.

Conforme relatado nas entrevistas, os banheiros utilizados pelos carregadores, que são também abertos ao público, não apresentam estado de conservação adequado ao uso. Eles observam também que não há locais adequados para descanso e que utilizam os próprios carrinhos para descansar, ou aqueles que possuem automóvel, descansam dentro dele. Não há também locais seguros para que guardem seus pertences, dizem.

Existe, a aproximadamente 200 metros do prédio administrativo do Mercado Livre do Produtor, a já mencionada ‘Casa dos Carrinhos’, local anexo à sede do sindicato onde são guardados os carrinhos quando não estão sendo utilizados pelos carregadores. Lá também há banheiro e vestiário que os carregadores podem utilizar para tomar banho. Entretanto, segundo os entrevistados, embora haja um esforço do sindicato para manter o local em condições adequadas, o número de carregadores é muito superior à capacidade da sede do sindicato. Além disso, o Mercado Livre do Produtor é bastante extenso e segundo eles o ideal seria ter os banheiros com condições adequadas de uso em locais estratégicos, para facilitar a locomoção durante o período em que estão trabalhando.

### **6.3 Impactos do trabalho de carregador autônomo na saúde dos trabalhadores**

Em todas as entrevistas realizadas, foram relatados problemas de saúde decorrentes da atividade de carregador autônomo. São casos diversos, desde problemas de ordem psíquica como ansiedade, depressão, insônia, problemas dermatológicos e respiratórios ocasionados pelo contato com os agrotóxicos contidos nas mercadorias e, os mais recorrentes deles, os de ordem ortopédica como lesões na coluna, joelhos, bacia, braços, pernas.

Conforme observa Elane de Azevedo Pires, em sua pesquisa com carregadores de mercadorias em Manaus, também foram apontados danos à saúde dos trabalhadores que carregam grandes quantidades de peso:

Nos depoimentos, foi relatado que é muito comum eles estarem doentes, e com o passar dos anos a doença agrava-se causando uma série de problemas, como: Astenia, (doença que causa fraqueza orgânica, debilidade generalizada e cansaço intenso) e rompimento de veias que são altamente dilatadas, devido ao grande esforço físico. Além das doenças

visíveis, existe a questão do próprio sofrimento devido a inserção desses indivíduos nesse tipo de trabalho. (PIRES, 2022)

Os carregadores autônomos da CeasaMinas declararam em suas falas que é necessário realizar um trabalho de conscientização e preservação da saúde que contemple questões relacionadas à segurança do trabalho e saúde laboral. A CeasaMinas já promoveu ações para tratar do tema, com a participação de profissionais de saúde que instruíram os carregadores sobre as melhores condutas no carregamento e descarregamento de mercadorias para evitar danos ao corpo. Entretanto, além de acontecerem com raridade, eventos como estes têm pouca adesão dos trabalhadores.

O músculo da gente acostuma com o alto peso. Sente câimbra, dor na coluna, desgaste no joelho. A gente sente uns efeito meio triste né, consequência do peso que a gente rasta. Um carrinho desse, tem gente que põe 1000 quilos, tem gente que põe 1100... Uma Pedra dessa tem 1 km mais ou menos. Querendo ou não, no decorrer do dia você dá uns 10, 20 vai e vem arrastando praticamente um veículo, né? Aí o joelho vai embora mesmo! (Gustavo, carregador autônomo)

Christophe Dejours, em seu tratado sobre teoria psicodinâmica, observa que o “homem não é um bloco monolítico” e que está continuamente em movimento e, por esta razão é frequentemente afetado por situações concretas consequentes da organização do trabalho (2008). Dejours pondera que as pressões biológicas e físicas sofridas pelos trabalhadores em seus corpos podem ocasionar envelhecimento precoce e doenças somáticas. A observação do autor é comprovada nas declarações dos carregadores autônomos em relatar as doenças decorrentes do trabalho que exercem.

É visível o demasiado esforço que é feito pelos trabalhadores para carregar grandes volumes de mercadorias, o que desafia a capacidade de seus corpos humanos de suportar tanto peso. Em conversas informais que tive com carregadores durante as observações de campo, me foi pedido por um grupo para que “meus colegas da UFMG” fossem até a CeasaMinas para auxiliá-los quanto às questões referentes a ergonomia e preservação de sua saúde. Disse a eles que meu objetivo com a pesquisa era justamente levar ao conhecimento da Academia a atividade que eles exercem e que eu falaria sobre tema para os meus pares na Universidade. É evidente a percepção que eles têm dos malefícios que a profissão traz a seus corpos, do esforço descomunal que precisam fazer para “arrastar” os carrinhos, de como a profissão contribui para o envelhecimento precoce e da necessidade de orientação para que possam exercer o trabalho de forma menos danosa para a saúde.

Embora apontem anseio por apoio e orientação quanto à maneira correta de execução do trabalho que exercem, observou-se nas entrevistas que os próprios carregadores

compreendem a necessidade de respeitar as quantidades de peso quando e a maneira correta de manusear as mercadorias quando do carregamento e descarregamento, a fim de resguardar a saúde. Entretanto, conforme relatado por eles próprios, essas quantidades costumam não ser respeitadas, sobretudo pelos mais novos, que concentram uma energia e força maior em seus corpos jovens e desconsideram os malefícios que a carga pesada pode trazer em longo prazo.

Quando a gente é novo, a gente não olha isso, A gente quer trabalhar e trabalhar e trabalhar. Depois o corpo, nessa época já agora, por exemplo, já vem me cobrando. Então eu tenho que ficar mais tranquilo, mas na administração, mais na responsabilidade do que realmente estar pegando tanto peso. Mas mesmo assim eu continuo desempenhando o papel de carregador com orgulho, com vontade, com gosto. (José, carregador autônomo)

Com o intuito de obter maior remuneração, os jovens carregadores optam por levar grandes pesos de mercadorias em seus carrinhos e minimizam os danos que o trabalho pode, ao longo do tempo, trazer para a saúde.

#### **6.4 Relação dos carregadores entre si, dos carregadores com a CeasaMinas e dos carregadores com o Sindicar-MG**

Ficou evidente durante a pesquisa a boa relação estabelecida entre os carregadores autônomos. Foram citados nas entrevistas vocábulos os quais eles chamam de “gírias de carregador”. “Carandu” é o carregador autônomo novato, que acabou de ingressar na profissão. Os trabalhadores não escritos que atuam carregando e descarregando no Mercado Livre do Produtor são chamados de “clandestinos”. Quando estão puxando cargas nos carrinhos e precisam desobstruir a passagem, gritam, “ó o pesado!”. Estas gírias retratam a interação, o entrosamento que há entre eles.

A relação é muito boa, aqui dentro do mercado, eu tenho uma relação muito boa. Não posso discriminar essa classe de forma alguma, entendeu? São pessoas responsáveis, são pais de família, né? A relação entre nós carregadores é muito boa. Existe aqui um respeito entre os carregadores. (José, carregador autônomo).

Embora estejam em um ambiente de disputa por clientes, sejam produtores rurais ou compradores, há companheirismo e solidariedade entre a categoria. Descrevem a convivência diária como a de uma família, onde há brigas internas, mas sempre há união para ajudar aqueles que por ventura precisarem, seja num carrinho que tomba com as mercadorias ao chão, seja numa dificuldade financeira, seja numa dificuldade de saúde ou familiar. É possível perceber que o orgulho que têm da profissão os fazem enxergar o outro com admiração, afinal, aquele

colega de trabalho desempenha a mesma função, também carrega grandes quantidades de carga, enfrenta as mesmas dificuldades.

Eles observam que, no cotidiano do trabalho, a relação que estabelecem com a administração da CeasaMinas é amistosa, mas que a empresa deixa muito a desejar no que se refere às condições de trabalho e infraestrutura disponibilizada para que exerçam suas atividades de forma digna e com o mínimo de respaldo.

Eu observo que esse relacionamento é um relacionamento bom, mas pode melhorar. O entreposto da CeasaMinas está sucateado, em todos os aspectos. De 2013 pra cá, piorou. Posso afirmar, eu que vivo aqui, no dia a dia, houve um desinteresse, um relaxamento dos administradores da CeasaMinas pra que ocorresse isso. (Joaquim, carregador autônomo)

A relação com os produtores rurais é descrita como uma relação de confiança. Muitos carregadores trabalham há anos para os mesmos produtores e, segundo eles, isso facilita o dia a dia no trabalho, uma vez que já têm clientes fixos e já têm estabelecidos os acordos de prestação de serviço, como valores a serem cobrados, por exemplo.

Quando o produtor manda o motorista dele e ele chega aqui com o caminhão, eu já sei o que eu tenho que fazer com a mercadoria dele. Quando o produtor chega aqui 3 horas da manhã, a mercadoria dele tá no lugar já, tá tudo resolvido. Ele vai só vender a mercadoria dele e pronto. Aí, quer dizer, só por telefone, o produtor tá acostumado, a mercadoria dele tá intacta, sem faltar mercadoria. Aí esse é o relacionamento do produtor com o carregador. (Alberto, carregador autônomo)

Eu tenho 4 ou 5 pessoas que eu presto serviço., entendeu? Já um bom tempo, são pessoas de confiança, são pessoas assim que me dão essa confiança de trabalho, eu tenho a responsabilidade sobre a mercadoria deles. Tem pessoas aí que tem 4 anos que eu nem vejo. Eu só tenho a responsabilidade de trabalhar com a mercadoria deles. (José, carregador autônomo)

Com os compradores também há parcerias, embora sejam mais sazonais e menos duradouras do que as relações com os produtores. Os compradores sempre mudam, o público nem sempre é o mesmo, mas ainda assim os carregadores conseguem estabelecer uma boa relação com quem vai ao mercado Livre do Produtor em busca de mercadorias. Segundo eles, isso se dá em razão do conhecimento que têm do entreposto, do mercado, das mercadorias, o que acaba cativando os compradores, sobretudo os inexperientes que, além do serviço de carregamento e descarregamento, se beneficiam também de todo o acúmulo de informações que encontram nos carregadores.

## **7 ANÁLISE DE ENTREVISTAS**

Serão apresentadas neste capítulo as entrevistas realizadas com os carregadores autônomos durante o processo de pesquisa. Seguindo as orientações do COEP - Comitê de Ética em Pesquisa, os nomes verdadeiros dos entrevistados foram substituídos por nomes fictícios, para preservar a integridade e intimidade de cada participante da pesquisa.

A utilização da história oral teve grande importância na compreensão do trabalho de carregador autônomo, suas formas de organização, o saber desenvolvido pelos trabalhadores, as relações necessárias ao exercício da profissão e a importância deste trabalho para o fomento do abastecimento alimentar. E, para além disso, através da narrativa dos trabalhadores, foi possível observar algumas subjetividades da categoria, suas impressões e sentimentos sobre o trabalho que exercem.

### **7.1 O sentimento em relação à profissão**

Além da descrição de como é realizado o trabalho e de como se dão as relações no ambiente laboral, esteve presente de forma incisiva nas falas dos trabalhadores o orgulho que têm da profissão. Ambos ressaltaram a importância do carregador autônomo para as atividades desenvolvidas na CeasaMinas, o conhecimento que possuem sobre o mercado, as relações de confiança que construíram com clientes a partir do trabalho honesto e bem executado. Foi possível perceber nestas falas a demanda por reconhecimento do trabalho que realizam e o sentimento de que são vistos como trabalhadores de menor importância. Foi ressaltado por eles que não se trata apenas de trabalho braçal, não se trata apenas de carregar e descarregar mercadorias; o trabalho também envolve conhecimento, técnica e capacidade de relacionar-se positivamente com os clientes para os quais prestam serviço.

Os carregadores autônomos mencionaram suas conquistas, os bens materiais que adquiriram, o conforto que conseguiram proporcionar para suas famílias através do trabalho que exercem “no cabo do carrinho”, como eles dizem. Percebe-se uma vontade de mostrar que aquele trabalho, ainda que socialmente inferiorizado, pode proporcionar ganhos iguais ou até superiores a outros postos de trabalho com prestígio social. Vale salientar que, embora de fato os carregadores autônomos da CeasaMinas consigam ter acesso a bens de consumo através de seu trabalho, por outro lado, é descomunal o esforço físico necessário para realizar suas tarefas. Se por um lado, há ganhos financeiros, por outro há um desgaste físico e emocional imensurável.

Foi observada também a seriedade com o que os entrevistados trataram a pesquisa e a preocupação em utilizar vocabulário rebuscado nas entrevistas. Essa postura, ao nosso ver, reforça a demanda por reconhecimento, uma vez que os carregadores autônomos demonstraram apreço pela atividade acadêmica e se dispuseram a prestar informações de forma mais clara possível, uma maneira de provar que, independentemente do nível de escolaridade e da atividade que exercem, têm o conhecimento e preparo necessários para a função que exercem.

## 7.2 Ausência de questões raciais nas falas dos carregadores autônomos

Outro ponto de observação nas entrevistas foi a ausência do debate de raça. Na pesquisa de campo foi possível perceber que os carregadores autônomos, em sua grande maioria, são homens negros. Apenas um dos trabalhadores entrevistados fez menção sobre sua própria negritude, mas ainda assim sem relacioná-la com a atividade de carregador autônomo.

Essa ausência do debate de raça nos remete a Franz Fanon. Em *“Pele Negra, máscaras brancas”* (2008) o autor reflete sobre o apagamento da raça negra pelos próprios negros, uma vez que pessoas de cor passam a menosprezar outras pessoas de cor para se aproximarem da visão ideal do “ser branco”, da branquitude. Fanon observa que negros interiorizam valores brancos como forma de não se sentirem inferiores e identifica o racismo como causa deste fenômeno.

Silvio Almeida (2018) afirma que o racismo é decorrente da estrutura social — que é constituída por inúmeros conflitos, como o de classes, raciais, sexuais, dentre outros — e se apresenta como um modo normal da constituição das relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares. Nas relações de trabalho não seria diferente, o racismo se mostra presente na marginalização de corpos negros nas relações de trabalho, conforme aponta Leonardo Dias Alves:

Fica nítido que o processo de abolição do escravismo moderno não ocorreu como um projeto de emancipação da população negra, longe disso, culminou como um projeto do Estado de marginalizar a população negra nas franjas maltrapilhas do emergente mercado de trabalho assalariado brasileiro. Esse processo foi direcionado pela ideologia racista que foi manipulada e entrou “[...] como componente do pensamento elaborado pelas classes dominantes [...]” (MOURA, 2014, p. 42), contribuindo com a estruturação da divisão racial do trabalho brasileira. O emergente mercado de trabalho assalariado no Brasil não absorveu a população liberta do cativeiro da escravidão, que era a base econômica do sistema escravista enquanto trabalhadores-mercadorias. A população negra foi inserida “[...] no setor de subsistência e em atividades mal remuneradas” (THEODORO, 2008, p. 25), ou seja, foi inserida predominantemente na informalidade. (ALVES, 2022)

Os apontamentos trazidos pelo autor descrevem bem a realidade dos carregadores autônomos da CeasaMinas. Homens negros, à margem do mercado de trabalho formal, encontram oportunidade de trabalho em uma atividade que não há quem realize, que não há quem queira assumir. Um trabalho pesado, visto como não intelectualizado e que transforma homens em verdadeiras máquinas de tração humana. Entretanto, estes homens não são máquinas; são seres humanos, em sua maioria negros, buscando por subsistência em um trabalho penoso e precário. E o seu não reconhecimento enquanto homem negro em trabalho precarizado é resultado da cultura colonialista e do mecanismo de manutenção de classes em uma sociedade capitalista.

Prova disso é o fato de esta atividade, dita como “autônoma”, ter um perfil predominante de trabalhadores destinatários desta “autonomia”.

### **7.3 Carregador... autônomo?**

Embora esta categoria de trabalhadores leve em sua definição a alcunha de “autônomo”, a pesquisa revelou que esta autonomia se restringe ao que a Lei Federal 8.212/91 (BRASIL, 1991) define como trabalhador autônomo: pessoa física que exerce atividade econômica de natureza urbana por conta própria, sem vínculo empregatício, com fins lucrativos ou não.

No caso dos carregadores autônomos da CeasaMinas, o termo “autônomo” diferencia o carregador que atua no Mercado Livre do Produtor do carregador que atua nas lojas de hortifrutigranjeiros instaladas nos pavilhões do entreposto da CeasaMinas de Contagem. Conforme mencionado, os empresários donos das lojas só podem contratar carregadores de maneira formal, com vínculo empregatício e não podem contratar o serviço dos carregadores autônomos. Estes são autorizados a trabalhar apenas para produtores rurais e compradores. Esta medida é tomada pela CeasaMinas com o objetivo de evitar relações de trabalho precarizadas entre empresários e carregadores.

Entretanto, embora não esteja subordinado a um contrato de trabalho estabelecido com empresário, o carregador autônomo está subordinado à negociação do valor de seu trabalho com seus clientes, produtores rurais e compradores. O carregador autônomo está subordinado às regras de conduta impostas pela CeasaMinas. O carregador autônomo está subordinado ao Termo de Ajustamento de Conduta firmado junto ao Ministério Público do Trabalho, que os obriga, inclusive, a ter filiação sindical. O carregador autônomo está subordinado às regras de convivência construídas pela própria categoria. O carregador autônomo está subordinado à quantidade de peso que seu corpo é capaz de suportar por dia para definir o quanto conseguirá

aufferir de renda. E, sobretudo, o carregador autônomo está subordinado às estruturas sociais, que apresentam a estes homens o trabalho precarizado como alternativa de subsistência.

E, mesmo diante de todas as mazelas enfrentadas, os carregadores “autônomos” se orgulham da profissão que exercem, trabalham com aparente alegria, tornam o ambiente de trabalho por vezes divertido e mais leve, contrapondo o grande peso que levam em seus carrinhos.

## **7.4 Entrevistas com Carregadores Autônomos**

### **7.4.1 Gustavo<sup>4</sup>**

Gustavo tem 32 anos de idade, é casado desde os 15 anos e pai de três filhos. Estudou até a 6ª série do ensino fundamental e começou a trabalhar como carregador também aos 15 anos de idade. Nascido em Várzea da Palma, cidade do norte do estado de Minas Gerais, tinha curiosidade de conhecer a unidade da CeasaMinas de Contagem, local em que seu pai, produtor rural, já trabalhava há 25 anos. Em sua primeira visita ao local, conheceu o trabalho dos carregadores autônomos do Mercado Livre do Produtor e, mesmo sendo ainda menor de idade, “pegou um bico” para trabalhar numa madrugada. Ganhou naquela noite o valor que ganhava em um mês de trabalho em sua cidade de origem. Desde então, não quis mais sair da Ceasa.

Trabalhou a partir daí como o que eles chamam de “clandestino” - que são os carregadores não cadastrados - até que surgisse a vaga para se registrar como carregador autônomo, há 6 anos. Hoje integra a direção do Sindicar, atuando na Secretaria Marketing e Comunicação do sindicato.

Nos primeiros anos de trabalho como carregador, Gustavo trabalhava no turno da noite. Chegava no Mercado Livre do Produtor às 16 horas e trabalhava até às 2 horas da manhã do dia seguinte. Entre 2 e 4 horas descansava para atender mais clientes até às 8 horas da manhã. No dia seguinte, a rotina se repetia. Descarregava 8 caminhões por noite, com a ajuda de mais dois colegas carregadores, recrutados por ele para realizar o serviço. Segundo conta, mudou para o horário diurno pois o corpo já não suportava o turno da noite. “Meu corpo já pediu: chega, meu filho!”.

Quando da entrevista, fazia 5 meses que Gustavo havia mudado suas atividades para o trabalho diurno. Durante o dia, se incumbe de recolher as mercadorias adquiridas pelos

---

<sup>4</sup> Nome fictício, atendendo às exigências do COEP.

compradores nas áreas dos respectivos produtores: “o que o cliente comprar, tenho que levar!”. Segundo ele, a mudança foi necessária para que o corpo descansasse, embora ainda não tivesse se adaptado à nova rotina, tendo dificuldades para dormir a noite.

Câimbra, dores na coluna, desgaste nos joelhos são algumas enfermidades que a atividade de carregador autônomo trouxe para Gustavo. Já ocorreu também de ter alergia na pele em razão de agrotóxicos contidos em mexericas que ele embalou. Teve síndrome do pânico, crises de ansiedade e fez uso de medicamentos durante 4 anos. As enfermidades foram fruto da privação de sono, do peso da carga, do peso de ser responsável por descarregar mercadorias de 8 caminhões, ele diz.

Gustavo procura ficar o máximo de tempo possível com a família, mesmo tendo um horário de trabalho pouco convencional. Prioriza estar próximo dos filhos e disse ter uma ótima relação com a esposa: “somos muito amigos, ela só fica brava quando tomo umas cachaça!” Disse também que tem uma ótima relação com o sogro, que o trata como filho.

Com o trabalho de carregador autônomo na CeasaMinas, Gustavo diz ter conseguido dar conforto para a família. “Consegui construir minha casa, meus filhos vivem bem. Eu só não vivo bem em razão do meu trabalho, mas só de saber que tudo o que eles querem eu consigo no cabo do carrinho, deixo o barco tocar...”

O carregador, além do talento para carregar mercadorias da CeasaMinas, tem também talentos artísticos. Com 10, 12 anos, gostava muito de desenhar. Na adolescência, passou a frequentar atividades de um grupo de teatro formado por jovens de Montes Claros. “Tudo o que eles faziam, eu participava, queria ser o principal”. Imitava idosos, imitava o personagem Pato Donald, treinou os músculos do rosto para mexe-los, entortava os olhos... Nunca gostou de futebol, desde criança gostava de arte e de bicicleta. Gustavo tem também dons musicais, gosta de instrumentos percussivos, cria músicas. Já fez teatro e hoje é influenciador digital, ou “TikToker”<sup>5</sup>, com mais de 15 mil seguidores. Nas redes sociais, posta vídeos com dublagens de filmes, piadas, mágicas. E se surpreende quando o reconhecem no Mercado Livre do Produtor: “As pessoas dizem ‘olha o menino do Tiktok<sup>6</sup>, o carregador do Tiktok!’” Perguntado se não tem vontade de prosseguir na carreira artística, avalia que não há mais tempo para isso: “pra mim, a idade minha já foi”.

Gustavo tem orgulho do trabalho de carregador e ressalta que a atividade que exerce na CeasaMinas é essencial para o andamento das atividades do mercado. Ele observa que, quando

---

<sup>5</sup> Tiktok é o influenciador digital que compartilha seus conteúdos através do Tiktok.

<sup>6</sup> Tiktok consiste em rede social para compartilhamento de vídeos curtos com 15, 60 segundos ou 3 minutos e que oferece ferramentas para editá-los.

o cadastro e fiscalização da atividade de carregador autônomo eram feitos pela administração da CeasaMinas, havia um maior cumprimento das regras pelos trabalhadores. “O respeito pelo sindicato vem diminuindo. Quando era a Ceasa, o povo era educado não andava na contramão, usava a roupa, tinha respeito, não passavam carrinho no pé do outro.” Diz que a sua percepção é de que 50% dos carregadores são de fato “envolvidos com o sindicato”. Os outros 50%, segundo ele, não se interessam e não participam ativamente.

Segundo Gustavo, a relação entre os carregadores se assemelha a relação de irmãos: vez ou outra acontecem brigas, fazem piadas uns com os outros, mas na hora do aperto, da dificuldade, eles se unem, se ajudam. Conta que durante o período mais crítico da pandemia de Covid-19<sup>7</sup>, dividia os trabalhos que já tinha firmado com produtores com os outros colegas, para não os deixar sem renda.

Gustavo terminou a entrevista mostrando-me as fotos de seus filhos e seus vídeos que fazem sucesso na internet.

#### 7.4.2 José<sup>8</sup>

José conta que começou a “fazer bicos” na CeasaMinas ainda criança, aos 7 anos de idade. O início do trabalho em tão tenra idade se deu cedo por necessidade, ele diz. Conheceu o entreposto de Contagem através de seus pais, que trabalharam ainda na terraplanagem do terreno. Hoje, aos 56 anos e ainda sem se aposentar, se orgulha da história que construiu nos 34 anos de trabalho como carregador autônomo. Reservado, não deu muitos detalhes de sua vida pessoal, e nem sobre os valores que cobra por seu trabalho de carregador.

É casado, tem 3 filhos, todos “criados no cabo do carrinho”. Foi pai muito jovem: tem uma moça de 37 anos, um rapaz de 32 que também trabalha como carregador autônomo e um jovem de 20 anos, que, segundo ele não tem interesse pelo trabalho do pai e do irmão. “Hoje ele não está no mercado, por opção dele. Se eu pudesse, traria pra cá também. É uma coisa que a gente gosta de fazer e vai passando isso aí, de pai pra filho.”

Quando criança, José trabalhava em extintos depósitos de caixa de madeira que havia no entreposto de Contagem. O trabalho, considerado clandestino em razão de sua menoridade, acontecia sempre a noite. Ele conta que no dia da inauguração do Mercado Livre do produtor, estava presente. Alcançada a maior idade, João passou a trabalhar como carregador contratado em lojas da Ceasa. Passou um período fora da CeasaMinas mas voltou, em razão das

<sup>7</sup> Doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2.

<sup>8</sup> Nome fictício, atendendo às exigências do COEP.

oportunidades de trabalho e, segundo ele, do retorno financeiro viável, embora fosse um trabalho pesado. João não se recorda com precisão das datas de tudo o que aconteceu neste período, mas tem na memória o ano de 1988 como seu retorno ao Mercado Livre do Produtor para trabalhar de carregador autônomo, levado pelo irmão também carregador.

Diz que inicialmente trabalhava de forma considerada clandestina, pois a profissão de carregador era proibida no MLP. Entretanto, embora proibida, a atividade era realizada por pessoas que ofereciam o serviço de carregamento para produtores e compradores, uma vez que uma pequena parcela destes potenciais clientes faziam eles próprios o carregamento de suas mercadorias. José conta que ele e os colegas viam ali uma oportunidade de ganhar dinheiro - de forma honesta, enfatiza - pois não era tão difícil conseguir clientes e o trabalho dava retorno financeiro; bastava oferecer o serviço para os produtores e para os compradores.

José avalia que o trabalho de carregador, que antes era visto como opção, agora é visto como profissão. Diz que no início, quando a atividade começou a ser realizada no MLP, os carregadores não precisavam trazer documentação, ter um carrinho. Com o tempo, a profissão foi se estabelecendo no local e foi regularizada pela administração da CeasaMinas.

José diz que hoje em dia, após 34 anos como carregador, ainda exerce a profissão porque gosta, porque tem boa relação com colegas, com produtores. Observa que os carregadores são pessoas responsáveis, pais de família. Embora tenha desenvolvido um problema grave no braço e também na bacia em razão do trabalho pesado, continua desempenhando o papel de carregador “com orgulho, com vontade, com gosto”. Atualmente, presta serviço para 5 produtores. Descarrega chuchu, abobrinha, tomate, repolho. Tem responsabilidade pela mercadoria deles e alguns não vê há 4 anos, só tem contato de vez em quando contato pelo telefone. “Temos gosto pelo trabalho, as pessoas confiam na gente, então nos dão essa liberdade de trabalhar com a mercadoria deles.” Além dos problemas de saúde no braço e na bacia, ele diz também que o fato de trabalhar com produtos de hortifruti em que são utilizados agrotóxicos em sua produção por si só traz malefícios, sobretudo, no trato respiratório. “Só o fato de manusear mercadorias com agrotóxicos, temos problemas na saúde.”

Ele não revela os valores que cobra por seu trabalho. Assim como os outros carregadores, faz a cobrança por volume carregado. Ele diz que, mesmo os carregadores mais novos, com menos tempo de trabalho, conseguem receber um valor maior por seu trabalho se o fizerem bem feito e com responsabilidade. Preza por sua saúde, em razão das enfermidades já adquiridas, por isso “presta atenção” no volume de carga que leva em seu carrinho.

José tem preferência pelo trabalho noturno. Chega no Mercado Livre do Produtor nas tardes de domingo, terça e quinta às 15 horas. Segundo ele, “tem horário de chegar, mas não

tem hora de sair”. Diz que há um volume maior de trabalho durante a safra dos produtos que carrega, na entressafra trabalha menos. Em períodos de safra, trabalha 9 horas por dia, podendo chegar a 14 horas. Conforme diz, “se houver demanda de trabalho, não pode escolher”.

Observa também que existe respeito entre os carregadores e que há diferença entre os carregadores que trabalham a noite e os que trabalham de manhã. “Os que trabalham à noite, trabalham de uma forma. Os que trabalham de dia, é de outra forma. A diferença é que a noite é necessário o conjunto, 3 pessoas vão trabalhar na mesma área. Durante o dia, o trabalho é mais individual, porque é só passar nas áreas”. Ele salienta que os carregadores que trabalham à noite têm o cuidado de observar a forma como descarregar as mercadorias nas áreas dos produtores rurais para facilitar o trabalho dos carregadores do turno da manhã, que vão retirar estas mercadorias das respectivas áreas para levar para os veículos dos compradores.

José integra a diretoria do Sindicar. Explica que há divisão entre os carregadores no que diz respeito à participação sindical. Segundo ele, parte dos colegas de profissão só está filiado ao sindicato por ser condição necessária ao ingresso no trabalho de carregador. Outros têm consciência da importância do sindicato, se envolvem nas demandas, têm interesse em lutar por seus direitos e preocupam-se com o futuro. “alguns participam por obrigação, pra poder trabalhar como carregadores e outros participam por compromisso, de saber como funciona, como funcionará no futuro, os direitos e deveres”.

Mais uma vez, engradece a atividade dos carregadores autônomos e salienta que o trabalho que realizam dentro do entreposto é fundamental, pois além de carregarem mercadorias, carregam também grande conhecimento sobre o mercado, sobre a localização de lojas e produtores rurais, sobre a qualidade dos produtos, sobre a compra e venda, sobre negociação de preços. “Quando eles - (público que visita a CeasaMinas) – ‘verem’ uma camisa azul escrito carregador autônomo, ali eles vão encontrar informações”.

José pondera sobre as dificuldades enfrentadas não só pelos carregadores autônomos, mas por outras categorias que trabalham na CeasaMinas de Contagem. “Sobretudo o próprio entreposto fica devendo, falta de estrutura, não comporta o fluxo, a quantidade de caminhões, falta projeto de melhoria nesse sentido. Melhorias pro carregador, como banheiros, vestiário, não tem um local adequado. E tem todo tipo de pessoa no entreposto. Banheiro em condições de uso não temos. Deveria ter um pouco mais de comodidade para as pessoas os próprios motoristas que vem de longe, não temos um local adequado”.

O trabalhador fez um apelo para a classe: “que pudessem todos os carregadores que tivessem consciência de saber que aqui somos família, precisamos ter responsabilidade, gostar do que faz, e que todos possam participar do trabalho em conjunto junto à classe, mas também

com a diretora da Ceasa, administração da Ceasa pra conseguir melhorias aqui dentro. A nossa relação com os trabalhadores da Ceasa é nota 4”. Indagado sobre a nota que deu para a relação com os trabalhadores da Ceasa, João salienta a falta de melhorias para os carregadores e que nos últimos anos a situação piorou.

Por fim, me fez um pedido: que eu fizesse com os carregadores de outras unidades da CeasaMinas (Caratinga, Governador Valadares, Juiz de Fora, Barbacena, Uberlândia) o mesmo trabalho que estava fazendo com os carregadores da CeasaMinas de Contagem e que fosse feita uma espécie de intercâmbio com os outros carregadores que trabalham nos outros entrepostos.

“Se houvesse possibilidade entre os entrepostos para melhorias com os carregadores, levaríamos conhecimento e traríamos conhecimento. Não temos conhecimento dos entrepostos fora de Contagem do trabalho dos carregadores. Temos de valorizar muito esse trabalho, que sejamos mais importantes, principalmente os da madrugada.”

#### **7.4.3 Joaquim<sup>9</sup>**

Joaquim tem 53 anos e trabalha como carregador autônomo desde julho de 1988, há 34 anos. Antes de 1988, era agricultor: plantava, produzia e levava mercadorias para a CeasaMinas. Conta que entre 1986 e 1987, então com 17 anos, fez um plantio “muito grande para sua idade”: “eu era muito jovem, fiz um plantio muito grande de tomate, não deu preço no mercado e perdi dinheiro, fiquei falido, endividado. O primeiro carrinho que comprei foi pra jogar mercadoria fora, pois trouxe um caminhão de tomate e não deu preço no mercado.”

Ele conta que ficou muito abalado com o ocorrido, sem saber o que fazer para quitar suas dívidas e se reestabelecer. Foi então que Devanir, um trabalhador na Ceasa que após 44 anos de trabalho na CeasaMinas, deixou a empresa em janeiro de 2023, sugeriu a ele que trabalhasse de carregador. Joaquim diz que, num primeiro momento, viu a opção como impossível: “eu me senti, como vou trabalhar de carregador se eu morro na roça?” Pois então decidiu se mudar para Contagem, começou a trabalhar como carregador autônomo, conseguiu quitar todas as suas dívidas e não parou mais. “Tomei dessa cachaça, aviciei e não parei mais!”, diverte-se

Quando iniciou o trabalho como carregador, tinha então 18 anos, em 1988 e ficou até 2007. Conta que, nesse movimento de sair da roça e ir para a cidade, acabou se tornando usuário de drogas ilícitas. “Tive o momento de sair da roça e voltar pra cidade e quem me abraçou

---

<sup>9</sup> Nome fictício, atendendo às exigências do COEP.

foram os traficantes. Fiquei 13 anos viciado.” Juarez ressalta que, embora tomado pelo vício, “nunca levou reclamação para a administração da Ceasa”. Prezava por realizar seu trabalho com responsabilidade, prezava pela boa reputação que tinha no mercado, procurava ser o mais correto possível.

“Eu não sai das drogas, eu fui resgatado das drogas.” É assim que Joaquim define sua recuperação do vício em entorpecentes. Hoje evangélico, afirma que há 24 anos não bebe nem mesmo uma taça de vinho sequer. Já recuperado das drogas, em 2007, foi em busca de um sonho antigo: trabalhar como motorista de grandes caminhões. Trabalhou em grandes empresas dirigindo carregas, caminhões e ônibus. Fez longas viagens, conheceu diversos lugares. Durante o período que exerceu a profissão de motorista, manteve sua inscrição como carregador autônomo ativa, pagando mensalmente todas as taxas e retornou para o trabalho na CeasaMinas no ano de 2011. “Não dei baixa no meu cadastro e continuei contribuindo da mesma forma. Em 2011 eu já não quis mais trabalhar de motorista e voltei a trabalhar de carregador”.

Joaquim trabalha no turno da noite. Diz que a noite quem trabalha são os anciões, que os mais jovens, novatos, não querem trabalhar no turno da noite. Havendo trabalho, ele estende a jornada para o turno da manhã também. Chega no Mercado Livre do Produtor por volta de 14 horas e enquanto espera a chegada dos caminhões, aproveita o tempo para descontrair com os colegas de trabalho. “Aproveito o tempo pra conversar com os amigos, pra brincar, divertir”. Segundo ele, os caminhões chegam em horários diversos. “Tem caminhão que chega às 17 horas, que chega às 22 horas, então não dá tempo de ir em casa, tem que ficar direto”.

Descarrega caminhões até as 2 horas da manhã e para um pouco para descansar. “Aí, você para às 2 horas da manhã e cada um se improvisa como pode. Alguns dormem em cima do carrinho, outros dentro dos carros e daí trabalham até entre 10:30, 11 horas. Ao todo, a gente chega a ficar aqui 20 horas. A convivência entre os carregadores é melhor do que com a própria família, porque passam mais tempo juntos”.

Joaquim é membro ativo na diretoria do sindicato. Sempre envolvido nas causas, diz que se reconhece como trabalhador e que a luta precisa ser feita. Conta que passou a se envolver em “questões políticas” quando passou um período morando na “William Rosa”, ocupação que permaneceu em área pertencente à CeasaMinas entre os anos de 2013 e 2017 e que tinha como objetivo a conquista de moradia para a população sem teto da região. Juarez conta que enquanto esteve por lá, participou de reuniões com lideranças comunitárias, professores universitários, políticos e que, a partir daí, passou a conhecer mais sobre política, sobre a importância da luta por direitos e de seu pertencimento à classe trabalhadora. Disse também que, principalmente

sendo um homem negro, precisava “fazer a luta”. Neste período conheceu sua atual esposa, militante em um sindicato que representa categoria de trabalhadores na educação.

Dentre os entrevistados, Joaquim é o que mais se envolve nas questões do sindicato e da categoria como um todo. Também se interessa por política e aponta a desigualdade social como causa das mazelas vividas na sociedade brasileira.

#### **7.4.4 Alberto<sup>10</sup>**

Alberto tem 60 anos e trabalha como carregador autônomo há 34. É de Belém do Pará, passou por Brasília e chegou em Minas Gerais no ano de 1986. Em 1989, um colega com quem dividia moradia e que também trabalhava como carregador o indicou para o trabalho no Mercado Livre do Produtor. A partir de então, Alberto iniciou sua trajetória como carregador autônomo. É cristão evangélico, casado e pai de duas filhas de 18 e 22 anos.

Alberto chega para o trabalho na CeasaMinas às 22 horas. Segundo ele, diferentemente dos colegas, prefere trabalhar sozinho. “E eu trabalho só. Os outros colegas gosta de trabalhar em equipe de 3, 4, 5, 6 entendeu? Prefiro por causa do palavreado, da discussão. Os palavreado deles “ô viado, ô corno”, eu não gosto disso. Eu não gosto desses palavreado não”. Alberto olha para os meus óculos e diz: “Posso colocar pra você uma coisa? Vamos supor, se você usa óculos eu te chamar de 4 olho, entendeu? Isso é desagradável! Eu não aprendi dessa maneira. Aprendi, meus pais me ensinou a respeitar o outros. Pra gente respeitar os outros não precisa a gente ter cultura, ter estudo, ter, ser de boa família, ser isso ou aquilo, entendeu? A gente tem que ter consideração com as pessoas”.

Por trabalhar sozinho, descarrega um único caminhão por noite “para não ficar muito atarefado”. “Eu tenho cliente formado. Mas antes assim, pra chegar até ele, eu tive que, uma vez ele me chamou, gostou do serviço e eu continue”. Seu cliente chega por volta de 22, 23 horas. Conta que antigamente descarregava outro caminhão do mesmo cliente que chegava às 13 horas com 2600 caixas de manga. Este caminhão ele também descarregava sozinho, enfatizou. Atualmente, só descarrega um caminhão durante a madrugada.

Depois de descarregado o caminhão da madrugada, Alberto passa a atender os clientes que chegam às 4 horas da manhã para comprar mercadorias. Tem clientes fixos, mas também atende clientes avulsos.

---

<sup>10</sup> Nome fictício, atendendo às exigências do COEP.

Alberto cobra por seu trabalho o valor sugerido na tabela do Sindicar: R\$1,50 para carregar e R\$0,75 para descarregar. Diz que vez ou outra faz descontos para os clientes, mas que não se submete aos que querem pagar pouco por seu trabalho. “Às vezes, faço a carga por R\$1,00”.

Perguntado sobre as dificuldades da profissão de carregador, Alberto diz não haver dificuldades. E diz também que, se eu perguntasse para outro carregador, este iria enumerar várias dificuldades. O carregador disse que está acostumado com a falta de estrutura de banheiros, bebedouros e local pra descanso no mercado. Relembra o passado, disse que o ambiente já foi melhor e afirma que as coisas continuarão como estão, que não haverá melhorias. Cita versos da Bíblia para dizer que o mundo “vai de mal a pior” e que por essa razão não sofre com as adversidades do trabalho. “Quer o ser humano se queixar, que se queixe dos seus próprios pecados”, afirma ele.

Teve muitos problemas de saúde por causa da profissão e por isso, trabalha com cautela. Em razão da pouca ingestão de água durante o período em que trabalhava, teve cólicas renais e teve também problemas na coluna. Em ambos os casos, segundo ele, foi medicado e fez tratamento médico, mas não precisou “ficar acamado”.

O entrevistado diz que gosta de sua profissão e que trabalha satisfeito e contente. Observa que, sem os carregadores autônomos “a Ceasa não desenvolve, fica difícil”. Durante os 34 anos de trabalho, nunca deixou de pagar a taxa do sindicato. Tem uma boa relação com os empregados da Ceasa, embora, segundo ele, haja rotatividade na administração do Mercado Livre do Produtor (e ele tem razão, pois a CeasaMinas periodicamente muda os empregados de setor). Fez amizade com alguns trabalhadores da CeasaMinas e gosta de ficar conversando com um dos encarregados que trabalha no MLP.

Alberto gosta de se relacionar individualmente com os colegas carregadores, mas não gosta de estar em grupos pois não gosta do “palavreado”, como diversas vezes fez questão de enfatizar. Respeita e é respeitado pelos colegas e, segundo ele que fez muitos amigos no ambiente de trabalho.

Para ele, a mudança da administração do cadastro dos carregadores autônomos da CeasaMinas para o Sindicar não acarretou em mudanças para a categoria, sejam elas negativas ou positivas, para a categoria. Alberto não participa das assembleias do Sindicar. Segundo ele, “já tem muita gente pra resolver esse negócio” e não vê necessidade de participação. Diz que o presidente do sindicato está diariamente na sede e, quando há algum problema para ser resolvido, conversa individualmente com ele.

Alberto se mostra conformado com a vida que leva e com a profissão que exerce. Não se interessa por política, não se envolve nas atividades do sindicato e também não reivindica melhorias para a categoria de carregadores autônomos. Se fortalece em sua espiritualidade para suportar as dificuldades do dia a dia no trabalho que exerce.

#### **7.4.5 Pedro<sup>11</sup>**

Pedro tem 41 anos e é natural de Jaguarari, Bahia. É solteiro, mora só e tem uma filha de 5 anos. Veio trabalhar na CeasaMinas no ano 2000, seguindo os passos de seu irmão mais velho, que também trabalha como carregador autônomo. Em princípio, quando chegou, trabalhou como carregador em lojas, com vínculo empregatício. Após 5 anos, conseguiu o registro de carregador autônomo e passou a atuar no Mercado Livre do Produtor.

Os 3 primeiros anos de Pedro no Mercado Livre do Produtor foram trabalhando no período da madrugada. Diz que não tinha horário certo para chegadas, às vezes chegava às 14 horas, as vezes chegava 5 horas da manhã de domingo... Tudo dependia do horário de chegada dos caminhões dos produtores rurais com as mercadorias. Tinha dois clientes fixos, um deles atendia sozinho, o caminhão era descarregado só por ele; o outro, atendia em dupla com o irmão. E, quando terminava de descarregar os caminhões destes dois clientes, ainda atendia aqueles que o chamavam para auxiliar na descarga de outros caminhões.

Depois deste período, em razão do desgaste físico do trabalho noturno, Pedro decidiu trabalhar apenas no período diurno. Chega ao Mercado Livre do Produtor às 4 horas da manhã e fica até 11 horas, de segunda-feira à sábado e carrega mercadorias para os compradores de sacolões. Carrega no máximo 25 volumes de carga no carrinho, que é o número de carga recomendado para evitar danos físicos. Diz que não teve problemas graves de saúde em razão do trabalho pesado, mas que constantemente sente dores no corpo, sobretudo na coluna.

Pedro conta que a relação com os colegas carregadores é muito boa: “quando chega um cliente da gente no ponto e eu não tô, eles liga pra mim pra falar que o rapaz tá aqui me esperando, inclusive um me ligou pra avisar hoje cedo”. Segundo ele, a relação com os empregados da CeasaMinas, com os vigilantes e com a Polícia Militar que atua no entreposto é muito tranquila e que inclusive tem o número do telefone particular de um policial para eventual emergência. Em relação à remuneração, procura cobrar o preço sugerido na tabela do Sindicar-MG. Diz que acontece de os carregadores cobrarem valores superiores, principalmente

---

<sup>11</sup> Nome fictício, atendendo às exigências do COEP.

se o veículo dos compradores está estacionado distante do Mercado Livre do Produtor, mas, no caso dele, os clientes estão sempre por perto de onde está localizada a mercadoria.

Sobre o fato de o cadastro de carregadores ter sido mudado da administração da CeasaMinas para o Sindicar-MG, Pedro reclama que houve grande aumento das taxas cobradas. Diz que participa das assembleias do sindicato “quando tem” e que acha importante pois, segundo ele, nessas oportunidades o sindicato explica o que está sendo feito pela categoria, entretanto, ressalta que os carregadores autônomos não se mobilizam para reivindicar seus direitos. Ainda, segundo ele, a infraestrutura oferecida pela CeasaMinas é precária e a maioria dos banheiros está em condições inadequadas de uso

Pedro revelou que prefere trabalhar como carregador autônomo no Mercado Livre do Produtor a trabalhar como carregador registrado em lojas. “Como carregador autônomo, a gente trabalha, digamos assim, mais livre, né? O horário que você vai embora, não tem muita enchimento de saco também, a gente faz o horário da gente, chega a hora que quer também, quando a gente sai pra viajar assim, uma semana, a gente só avisa pro cliente também...”. Quando um cliente liga solicitando seus serviços, Pedro procura atendê-lo o mais rápido possível pois, segundo ele, como autônomo, quanto mais rápido fizer o trabalho, melhor, pois assim consegue otimizar o tempo e os ganhos. Segundo ele, a remuneração como carregador autônomo é maior do que a remuneração como carregador de loja registrado em razão dos descontos trabalhistas. Entretanto, salienta mais uma vez que faz o pagamento mensal do INSS.

Pedro conta com orgulho sobre o irmão, que também é carregador autônomo e trabalha há 15 anos para o mesmo produtor rural, que cultiva chuchu. Ao citar o irmão faz uma reflexão sobre o trabalho que exercem e diz gostar da atividade a qual, segundo ele, se adaptou muito bem. Conta que, assim como irmão, se estabeleceu em Minas Gerais e comprou sua casa com o dinheiro ganho com este trabalho. Pedro, com semblante calmo e tranquilo, demonstra gratidão pela oportunidade que tem de exercer a profissão de carregador autônomo.

## CONSIDERAÇÕES

A realização desta pesquisa me surpreendeu, enquanto trabalhadora da CeasaMinas, ao trazer conhecimentos e descobertas referentes à categoria de carregadores autônomos que eu, com quase 15 anos de atuação na empresa, desconhecia. Os carregadores fazem parte do meu cotidiano, sempre os vejo trabalhando, mas a coisificação a qual são submetidos através de uniformes e números faz com que até mesmo os que convivem com eles diariamente não enxerguem as particularidades da profissão e suas humanidades. O olhar atento, a oralidade, a investigação venceram esta barreira e trouxeram um mundo de informações e saberes produzidos por estes trabalhadores por mim antes desconhecidos.

Isso posto, há de se reforçar a importância da Ciência, da pesquisa acadêmica e da Universidade como espaço de diálogo e transformação, uma vez que nos permite, através do conhecimento e sua aplicabilidade à investigação científica, trazer luz ao desconhecido e contribuir para a melhoria da vida em sociedade.

Pensando nas entrevistas individuais realizadas, foi perceptível o quanto a subjetividade dos trabalhadores imprime identidade ao exercício da profissão. Eles vêm, aos poucos, construindo sua presença na CeasaMinas, se constituindo enquanto uma categoria viva com saberes, ideias, conquistas. E é justamente essa identidade impressa na atividade que exercem que faz com que a categoria vença o sistema que os impõe apagamento por meio de uniformes e números. A pesquisa revelou que os trabalhadores vêm, ao longo dos anos, construindo outra lógica com suas humanidades: eles se organizaram, fundaram em 1996 a associação, posteriormente a transformaram em sindicato e seguem escrevendo sua história no abastecimento alimentar de Minas Gerais.

Embora intitulados “autônomos”, estes trabalhadores estão submetidos à lógica capitalista de alienação do trabalho, só não estão submetidos a um empregador que garanta suas verbas e direitos laborais. Algumas destas garantias são suportadas por eles próprios, por meio de inscrição no INSS. Outras, como décimo terceiro salário e um terço salarial por ocasião das férias, não existem. Além disso, é nítida a necessidade de melhorias estruturais, que permitam a esses trabalhadores o exercício minimamente digno de sua profissão.

A pesquisa evidencia que o caminho de melhoria das condições de trabalho dos carregadores autônomos passa por intervenções nas seguintes dimensões: 1 - estreitamento da relação do Sindicar-MG com administração da CeasaMinas e com os trabalhadores que representam; 2 - maior comprometimento da CeasaMinas para com o trabalho dos carregadores autônomos. Ainda que não seja responsabilidade da CeasaMinas a inscrição dos carregadores

autônomos no INSS, fica evidente a necessidade de a administração da empresa atuar mais diretamente como parceira dos trabalhadores e do sindicato para melhorar infraestrutura do entreposto no que se refere à atividade laboral dos carregadores e dos processos de cuidados da saúde com cursos, palestras, algum tipo de orientação, regulações construídas coletivamente, pois os trabalhadores já dizem o que se faz necessário para dar mais dignidade a seu trabalho e a seus corpos, é de conhecimento notório entre os sujeitos envolvidos o que precisa ser feito. E ainda, repensar os valores pagos pelo trabalho pesado é importante para toda a sociedade - produtores, compradores, consumidores, todos nós estamos vinculados ao trabalho desses sujeitos e ao que eles estão dizendo sobre o próprio trabalho.

As entrevistas revelaram também que há um movimento reivindicatório na categoria de carregadores autônomos que se consolidou com a formação da associação - que mais tarde se tornou sindicato. Ainda que haja críticas à instituição sindical, a construção e composição da diretoria do sindicato por trabalhadores em atividade revela um grupo consciente, que almeja e vem conquistando dignidade, mesmo dentro do sistema capitalista e seus enquadramentos, mesmo nesta relação de certa alienação do trabalho.

Os trabalhadores, mesmo estes que desempenham esta pesada atividade que muitos não querem e/ou não são capazes de desempenhar, eles ainda assim, constroem sua própria dignidade, mesmo sem as orientações de profissionais da saúde do trabalho ou de técnicos de segurança do trabalho, ou de pesquisadores do trabalho, eles seguem fazendo a história da profissão, com pouca infraestrutura e pouco conhecimento técnico, mas não deixam de fazê-la. Eles dominam a técnica de carregar e descarregar mercadorias e, a partir daí, constroem a luta pela categoria com suas experiências empíricas.

Os carregadores autônomos têm entendimento sobre a precariedade do trabalho que exercem. Sabem o que precisa melhorar, onde a CeasaMinas falha, onde o sindicato falha e sabem dos acertos também. Sabem que são colocados à margem no mercado de trabalho, ainda que ignorem a predominância de corpos negros em seu grupo de trabalhadores. Ainda que não tenham uma percepção clara de que, enquanto trabalhadores, têm força para se unir, reivindicar melhores condições de trabalho e obter êxito nesta empreitada, eles sabem o que é necessário mudar.

E, além da percepção das necessidades de melhorias, eles revelam também que os olhos preconceituosos que enxergam no trabalho que exercem apenas precariedade e falta de dignidade não enxergam saberes, relações sociais no trabalho com sujeitos diversos - produtores, compradores, administração da CeasaMinas e ainda, a remuneração que lhes permitiu construir suas vidas.

Os carregadores autônomos têm orgulho da profissão que exercem. Passam a atividade de pai pra filho, de irmão mais velho para irmão mais novo. Alguns deixam a profissão por certo período, mas retornam posteriormente. Têm consciência da importância do carregador autônomo para o abastecimento da população e demandam reconhecimento pelo trabalho que desenvolvem.

Os carregadores autônomos provam que a saída para a classe trabalhadora é a própria classe trabalhadora que carrega e faz a riqueza capitalista, que a classe que poderá superar o capitalismo é a classe que carrega o próprio trabalho. Não se trata apenas de trabalho pesado e precário. Há de se ver a beleza da profissão, não como forma de romantizá-la e ignorar as dificuldades, mas de também de reconhecer o que foi construído por estes trabalhadores ao longo do tempo e sua importância no mercado de trabalho e na cadeia de suprimentos alimentares na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Leonardo Dias. **A divisão racial do trabalho como um ordenamento do racismo estrutural.** Disponível em: <https://www.scielo.br//jrk/a/NVD7NG3FPfcQ5MsmkfCwthd/> Acesso em 23/11/2022

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio Sobre a Metamorfose e a Centralidade do Mundo do Trabalho.** São Paulo: Cortez, 1995.

BENTO, A. **Investigação quantitativa e qualitativa:** Dicotomia ou complementaridade. Revista JA (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira), nº 64, ano VII, p. 40-43. 2012.

BIBLIOTECA ANA MARIA POPPOVIC. Disponível em: <http://acervo.fcc.org.br:9090/site/php/index.php> . Acesso em 24/11/2021

BIBLIOTECA PUC MINAS Disponível em: [https://portal.pucminas.br/biblioteca/index\\_padrao.php](https://portal.pucminas.br/biblioteca/index_padrao.php) Acesso em 24/11/2021

BIBLIOTECA UFMG Disponível em: <https://catalogobiblioteca.ufmg.br/pergamum/biblioteca/index.php> Acesso em 24/11/2021

BICUDO Maria Aparecida V. **Pesquisa qualitativa: significados e a razão que a sustenta.** In REVISTA PESQUISA QUALITATIVA. Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos. Ano 1. N.1. São Paulo, 2005. pp. 7 – 26.

BOGDAN Roberto C.; BIKLEIN Sari K. **Investigação qualitativa em educação.** Porto (Portugal): Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Lei 8.212 de 1991.** [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8212compilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8212compilado.htm). Acesso em 22/12/2022

BRASIL. **Lei 12.023 de 2009.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/112023.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112023.html). Acesso em 16/10/2021

CEASAMINAS. **Site CeasaMinas.** Disponível em: <http://www.ceasaminas.com.br/> . Acesso em 15/10/2021

CEASAMINAS. **Regulamento de Mercado.** Contagem, 2016

COSTA, Leila Sales da; DOLCI, Lucina Netto; PEREIRA, Alexandre Macedo. **Trabalho ontológico e o processo de trabalho no modo de produção capitalista nas atuais exigências da realidade no Brasil.** Disponível em: [publicacoes.inigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/3136](http://publicacoes.inigranrio.edu.br/index.php/magistro/article/view/3136). Acesso em 08/01/2023

COSTA, Luciano Bedin da. **Cartografia: uma outra forma de pesquisar.** Revista Digital do LAV – Santa Maria – vol. 7, n. 2, p. 66-77 – mai/ago 2014.

CUNHA, Charles Moreira. **Saberes no trabalho entre experiências e memórias: reflexões iniciais.** Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9233?articlesBySimilarityPage=2> . Acesso em 11/12/2022

DEJOURS, Christophe. **Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho**. Tradução de Frank Soudant. 2°. ed. Selma Lancman e Laert Idal Sznelwar(orgs). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **La ideologia alemana**. Montevideo: Pueblos Unidos; Barcelona: Grijalbo, 1974

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A ideologia que embala a galinha dos ovos de ouro**. In: GUIMARÃES, G. Sindicalismo e Cooperativismo: a economia solidária em debate, transformações no mundo do trabalho. São Paulo, Rede Unitrabalho, 1999.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008

FERNANDES, Danielle Cireno. **Precarização do trabalho**. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

GOOGLE ACADÊMICO. Disponível em: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt> . Acesso em 24/11/2021

IGUTI, Aparecida Mari. **Os carregadores de um entreposto de abastecimento: um trabalho precário**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/ywWs5PLkkKLPV5tyXw84Qnh/?lang=pt> . Acesso em: 27/01/2022.

INSTITUTO CEASAMINAS. Site. Disponível em: [Prodal \(iceasaminas.org.br\)](http://Prodal(iceasaminas.org.br)) Acesso em 25/12/2022.

KALLEBERG, Arne L.. **O crescimento do trabalho precário**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol.24, n°69. São Paulo: ANPOCS, 2009.

KINOSHITA, Jamir Osvaldo. **A comunicação no mundo do trabalho dos carregadores da CEAGESP**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

LIMA, Joilson Silva. **Criação, importância e funcionamento das centrais de abastecimento**. Disponível em: <https://www.conhecer.org.br/Agrarian%20Academy/2015a/criacao%20importancia.pdf>. Acesso em: 25/12/2022

MARX, Karl. **O Capital. Vol. I. Tomo I**. Coleção Os Economistas. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl. **O Capital. Vol. I. Tomo II**. Coleção Os Economistas. Tradução Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Trabalho Assalariado e Capital**. São Paulo: Global Editora, 1980.

MENEZES NETO, Antônio Júlio; QUARESMA, Adilene Gonçalves. **O caráter ontológico do trabalho: implicações para a relação trabalho-educação**. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/8709>. Acesso em 07/01/2022

MOREIRA Antônio Flávio *et al.* **Para quem pesquisamos. Para quem escrevemos**. O impasse dos intelectuais. São Paulo: Cortez, 2001.

OIT. **Trabalho decente**. Disponível em: <https://www.ilo.org/brasilia/temas/trabalho-decente/lang--pt/index.htm>. Acesso em: 07/01/2022

PIRES, Elane de Azevedo. **O trabalho precário dos carregadores e transportadores de bagagens do porto da Ceasa**. Disponível em: <http://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/1930>. Acesso em 27/02/2022.

POCHMANN, Márcio. **O trabalho sob o fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século**. São Paulo: Contexto, 1999

RUMMERT, Sônia Maria. **Gramsci, Trabalho e Educação - Jovens e Adultos Pouco Escolarizados no Brasil Actual**. Educa, 2007.

SÁ, Teresa. **“Precariedade” e “trabalho precário”: consequências sociais da precarização laboral**. Portugal: 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/configuracoes.203> Acesso em: 21/11/2021

SANTOS, Geraldo Márcio Alves dos. **Pedagogia do trabalho e inteligência operária: contribuições na perspectiva da produção associada**. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/6863>. Acesso em 23/11/2021.

SANTOS, Geraldo Márcio Alves dos; RUMMERT, Sônia Maria. **Saberes tácitos, técnica, tecnologia e ciência: o lugar do trabalho vivo no processo de trabalho na produção associada**. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9234> Acesso em 08/01/2023.

SAVIANI, Demerval. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmXdrkWP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 23/11/2021

SCIELO. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em 24/11/2021

SILVA, Lúcia Márcia Resende. **O caminho das pedras: organização e sobrevivência dos carregadores de mercadorias em Uberlândia (MG)**. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2299>. Acesso em 27/01/2022.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; PÁDUA, Karla Cunha. **Virtualidades e alcances da entrevista narrativa**. Programa de Pós-graduação em Educação – UFMG. 2006